

ANA SOFIA LOPES DE SOUSA CLARO

**HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O
SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA
MITOLÓGICA**

Orientador: Professor Doutor Paulo Mendes Pinto

**Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias
Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração**

LISBOA

2022

ANA SOFIA LOPES DE SOUSA CLARO

**HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O
SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA
MITOLÓGICA**

Dissertação defendida em provas públicas para obtenção do Grau de Mestre no Curso de Mestrado em Ciência das Religiões, conferido pela Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias no dia 31 de Outubro de 2022, perante o júri, nomeado pelo Despacho de Nomeação N.º 308/2022, de 14 de Outubro de 2022, com a seguinte composição:

Presidente: Prof. Doutor José Brissos-Lino

Arguente: Prof. Doutor José Carlos Calazans

Orientador: Prof. Doutor Paulo Mendes Pinto

Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias

Faculdade de Ciências Sociais, Educação e Administração

LISBOA

2022

RESUMO

Desafiámo-nos a trabalhar Humbaba (Huwawa), um terrível monstro mitológico, presente na Epopeia de Gilgameš (Tabuinhas II-V). O que se pretende com esta dissertação é analisar e compreender, a densidade simbólica em torno da importante figura mítica de Humbaba (Huwawa) da mitologia suméria. Os académicos conhecem-no melhor pela sua presença na Epopeia de Gilgameš. Humbaba (Huwawa) um monstro terrível, um gigante, mas com o estatuto de guardião de um espaço sagrado.

Quem é Humbaba, quem o criou, qual a sua função, qual a sua intenção e qual a sua representação. Pretendemos compreender, o porquê da necessidade de desafiar este monstro, resultando na sua morte, e perceber o respetivo resultado dessa morte, ou seja, o que ela realmente pode significar. Pretendemos compreender a relação, entre a morte de Humbaba, com a Revolução Neolítica (ou com o *homo faber* e a necessidade do domínio da natureza e da agricultura, como pano de fundo).

Abordaremos a importância deste trio: Humbaba, Gilgameš e Enkidu, de forma a perceber, todo o enredo desde a relação Gilgameš e Enkidu, passando pelo desejo de se deslocarem à Floresta dos Cedros, o plano arriscado de aniquilação do guardião desse espaço sagrado, e o resultado desse encontro, assim como as suas consequências. Isto porque não falamos de uma floresta qualquer, e não falamos de um gigante, um monstro guardião qualquer. Humbaba (Huwawa) seria muito mais que isso, foi criado por um deus supremo, Enlil, tornando-o absolutamente legítimo de existir, e com um propósito. O que realmente morre, após esta ação dramática cometida pelo “Pastor de Uruk” e o seu companheiro Enkidu? Qual a dimensão dessa luta entre o herói (semi-deus), o homem selvagem (entretanto civilizado por Šamhat) e o gigante guardião, legítimo e crucial no espaço sagrado que protegia?

Palavras-Chave: Humbaba, Huwawa, Mitologia Antiga, Imortalidade, Natureza, Monstro, Guardião, Proteção.

ÍNDICE

INTRODUÇÃO

CAPÍTULO 1: Estado da Arte.

- 1.1 Epopeia de Gilgameš: uma abordagem ao enredo Gilgameš, Enkidu e Humbaba (*Huwawa*).
- 1.2 Gilgameš e Enkidu: a natureza problemática de um plano ambicioso.
- 1.3 Gilgameš e a busca incessante por fama.

CAPÍTULO 2: Humbaba: o seu simbolismo e representação.

- 2.1 Localizar Humbaba na Epopeia de Gilgameš.
- 2.2 A desconstrução da Figura Mitológica Humbaba.
 - 2.2.1 A Cabeça.
 - 2.2.2 O Corpo.
 - 2.2.3 As Patas Dianteiras.
 - 2.2.4 As Patas Traseiras.

CAPÍTULO 3: A mitologia por trás de Humbaba.

- 3.1 A criação de Humbaba pela Divindade Ellil (*Enlil*).
- 3.2 Humbaba o terrível, ou um guardião incompreendido?
- 3.3 Tabuinha V: a Luta de Gilgameš e Enkidu contra Humbaba.
- 3.4 A morte de Humbaba e a sua dimensão.
- 3.5 As especulações em torno de Humbaba.

CONCLUSÃO

BIBLIOGRAFIA

ÍNDICE DAS FIGURAS:

Fig. 1. Placa de terracota encontrada na cidade de Sippar, Iraque, British Museum, Londres, Inglaterra.

Fig. 2. Ornamento de telhado com a cabeça da Medusa. Etrúria, Itália, século 6 AEC. Museu Nacional da Escócia.

Fig. 3. Cabeça da Medusa (vista de cima.), assinado pelos artesãos Ergotimos e Kleitias, datado cerca 570 AEC, Met Museum, EUA.

Fig. 4. Cabeça da Medusa (vista de lado), assinado pelos artesãos Ergotimos e Kleitias, datado cerca 570 AEC, Met Museum, EUA.

Fig. 5. Cabeça de Humbaba (Huwawa) frente, com inscrição atrás, British Museum, Londres, Inglaterra.

Fig. 6. Cabeça de Humbaba (Huwawa), verso, com inscrição atrás, British Museum, Londres, Inglaterra.

Fig. 7. Huwawa, representado com uma enorme e desfigurada boca. II Milénio AEC.

Fig. 8. Representação de Gilgamesh, datada c. 713-706 AEC, estaria na sala do trono do Palácio de Sargão II, Museu do Louvre, Paris, França.

Fig. 9. Representação de Enkidu, cidade de Ur, Iraque. Datada de 2027-1763 AEC, Museu do Iraque.

Fig. 10. Representação de Humbaba, Placa de Terracota, datada c. 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA.

Fig. 11. Representação de Humbaba, placa de Terracota, datada c. 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA.

Fig. 12. Representação em terracota, da cabeça de Humbaba (Huwawa) segundo milénio AEC.

Fig. 13. Placa de Terracota de Humbaba da cidade de Ur, Iraque. Datada 2004-1595 AEC. Sulaymaniyah Museum, Iraque.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Fig. 14. Labirintos com forma de espirais, baixo relevos de Rocky Valley, Cornualha, Inglaterra. Pensa-se pertencerem à Idade do Bronze (1800-1400 AEC).

Fig. 15. Representação em terracota, pensa-se de Humbaba (Huwawa) de corpo inteiro, segundo milénio AEC.

Fig. 16. Representação de Humbaba, placa de cerâmica, datada cerca 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA

Fig. 17. Máscara de Terracota de Humbaba da cidade de Ur, Iraque. 2004-1595 AEC, Sulaymaniyah Museum, Iraque.

Fig. 18. Cabeça de Humbaba (Huwawa) em terracota. Museu do Louvre, Paris, França.

Fig. 19. Tabuinha V da Epopeia de Gilgameš, Sulaymaniyah Museum, Iraqi Kurdistan, Curdistão.

Fig. 20. Representação em terracota da luta de Gilgameš e Enkidu contra Humbaba (Huwawa) na Floresta dos Cedros, datada do séc. 19-17 AEC. Localizada no Museu do Médio Oriente Antigo (Vorderasiatisches Museum), Berlim, Alemanha.

Fig. 21. Representação de Gilgameš, Humbaba e Enkidu ilustrando a épica luta onde resulta na morte de Humbaba. Séc. 10 – 9 AEC, The Walters Art Museum, EUA.

Fig. 22. Amuleto em Lapis Lazuli, datação cerca 2000-500 AEC, localizada no British Museum 128821, Londres, Inglaterra.

Fig. 23. Placa de Terracota de Humbaba (Huwawa), Iraque. Período antigo babilónico 2004-1595 AEC, Sulaymaniyah Museum, Iraque.

INTRODUÇÃO

1.1 Motivações Pessoais

Desafiámo-nos a trabalhar o Humbaba (*Huwawa*), um terrível monstro mitológico presente na Epopeia de Gilgameš (Tabuinhas II-V)¹, precisamente devido a uma certa afinidade pessoal desta temática simbólica inerente ao arquétipo de monstros mitológicos e toda a sua dimensão espiritual, natureza que desde há muito nos fascina, como objeto de estudo.

O razão da escolha deste tema? O prazer imenso em investigar estes elementos mitológicos, o mergulhar num imaginário, num cenário épico onde estes monstros acabam (por norma) num confronto com heróis e semideuses. O prazer de dissecar estas lutas quase que sagradas, pois as suas consequências determinam transformações radicais nas personagens envolvidas. Esta busca não só é feita pelo prazer pessoal, é também fonte de inspiração para a composição musical, numa das vertentes da minha vida profissional.

1.2 Objetivos

O objetivo desta dissertação é procurar e compreender a densidade simbólica em torno da importante figura mítica de Humbaba (*Huwawa*), da mitologia suméria. Os académicos conhecem-no melhor pela sua presença na Epopeia de Gilgameš: Humbaba (*Huwawa*) um monstro, um gigante, mas com o estatuto de guardião de um espaço sagrado.

Objetivamente pretendemos sintetizar: Quem é Humbaba (*Huwawa*), quem o criou, qual a sua função, qual a sua intenção e qual a sua representação? Qual a necessidade de lutar contra este monstro, o porquê da sua morte e o seu respetivo resultado? Destacaremos a

¹ Datadas do período antigo da Babilónia (c. 1894- c. 1595 AEC), descobertas na antiga cidade de Nínive, encontram-se agora expostas no Museu Sulaymaniyah, no Iraque.

Na edição de Francisco Luís Parreira de 2007: Tabuinha II – Penn 46-72, Tabuinha II 36-46, Penn – 85-86, 90-112, Tabuinha II 59-64, Penn 135-203, Tabuinha II 103-112, Penn 212-221, Tabuinha II 113-115, Penn 227-240, Yale 11-20, Tabuinha II 162-191, RMV 1-2, RMV 4-7, RMV 14-36, Yale 89-119, Tabuinha 216-229, Yale 141-151, Tabuinha II 237-241, Yale 162-187, Tabuinha II 260-301, MSy 17-22, Tabuinha III, Yale 254, Yale 272-287. Tabuinha IV, [Bogz 2 i 6], [Bogz 2 i 12], Scho 2 anv 5-12, Bogz 2 i 18-21, Bogz 2 i 14-24, Tabuinha IV 78-109, Nipp anv 1-8, Tabuinha IV 120-141, Nipp anv 9-26, Nipp rev 1-7, Tabuinha IV 155-182, Harm I anv 3-9, rev 10-16, Tabuinha V (1), Harm 2 anv 16-20, Tabuinha V (2), (3), (4), RMV 129-133, 138-147, Tabuinha V (5), (6), (7), RMV 271-2, Tabuinha V (8), (9), Ugar (c) 13-18, Tabuinha V (10), Ishc anv 6-18, Tabuinha V (11), [Ishc rev 20], [Ishc rev 25], Ishc rev 26-38, Tabuinha V (12), [Bagd ver 19], [Bagd ver 26].

HUMBABA (*HUWAWA*), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

associação deste episódio com a Revolução Neolítica, o *homo faber* e a necessidade do domínio da natureza e da agricultura, como pano de fundo. Para este fim, não podemos tratar esta figura de forma isolada. Teremos que falar do trio Humbaba (*Huwawa*), Gilgameš e Enkidu: perceber todo o enredo desde a relação Gilgameš e Enkidu, passando pelo desejo de se deslocarem à Floresta dos Cedros, o plano arriscado de aniquilação do guardião desse espaço sagrado, e o resultado desse encontro, assim como as suas consequências. Isto porque não falamos de uma floresta qualquer, e não falamos de um gigante, um monstro guardião qualquer. Humbaba (*Huwawa*) seria muito mais que isso, foi criado por um deus supremo, Enlil (*Elil*), tornando-o absolutamente legítimo de existir, e com um propósito. A sua criação decorre de uma necessidade, de uma “missão”.

O que realmente morre após esta ação dramática cometida pelo “Pastor de Uruk” e o seu companheiro Enkidu? Qual a dimensão dessa luta entre o herói (semideus), o homem selvagem (entretanto civilizado por Šamhat) e o gigante guardião, legítimo e crucial no espaço sagrado que protegia?

1.3 Fontes e edições:

O ponto de partida e base central foi o Épico de Gilgameš, edição portuguesa, com a tradução de Francisco Luís Parreira, editada em 2017. E mesmo com fontes pouco variadas em torno de Humbaba (*Huwawa*), achámos interessante abordar os significados e entradas em diversos dicionários de simbologia e mitologia, de forma a sintetizar as definições dos vários nomes e adjetivos dados a Humbaba (*Huwawa*).

Usamos também, como fonte, a tese de Sarah Graff, editada em 2012, totalmente dedicada à figura arqueológica de Humbaba (*Huwawa*), deixando-nos o primeiro trabalho iconográfico deste objeto.

Passámos também por algumas perspetivas de académicos, onde classificam Humbaba (*Huwawa*) de uma forma individual, como quando o denominam como “ogre”. Mas foram as interpretações de diversos académicos como Paul J. Krause, Steven Tiggay, Jeremy McInerney, Paulo Mendes Pinto, entre outros que nos forneceram o material para desenvolver o nosso trabalho.

A nossa dissertação partiu, quase sempre, da versão Standard Babilónica do Épico de Gilgameš, datada de cerca séc. XVIII AEC ao primeiro milénio AEC.

CAPÍTULO 1: Estado da Arte

No Estado da Arte deste presente trabalho, debruçámo-nos sobre trabalhos que tivessem no seu foco de estudo as temáticas o mais centradas possível no nosso objeto: Humbaba (sum.: *Huwawa*, assírio- ). Numa primeira análise, percebemos que não são muitos os trabalhos de investigação em torno de um objeto de estudo tão específico quanto o guardião divino Humbaba. Começámos pela análise das tabuinhas II-V² onde encontramos a intenção e construção do ousado plano, da demanda em torno da Floresta dos Cedros.

A tabuinha V, do *ša naqba imuru* (Aquele que testemunhou o abismo)³, na versão babilónica padrão da Epopeia de Gilgameš, conta-nos a história do encontro entre os dois heróis, Gilgameš e Enkidu, com o guardião da Floresta dos Cedros, o ponto central desta dissertação: Humbaba. Conta-nos como chegam ao espaço sagrado, como tornam Humbaba cativo, como é subjugado e, por fim, como o matam, trazendo consigo a sua cabeça como troféu, símbolo dessa grande conquista.

F. N. H. Al-Rawi e A. R. George afirmam que a tabuinha V estará bem representada em dois manuscritos: um neo-assírio da cidade de Nínive e um posterior, em babilónico mais tardio, oriundo da cidade de Uruk⁴. Numa das versões há o interessante adjetivo quando

² Datadas do período antigo da Babilónia (c. 1894- c. 1595 AEC), descobertas na antiga cidade de Nínive, encontram-se agora expostas no Museu Sulaymaniyah, no Iraque.

Na edição de Francisco Luís Parreira de 2007: Tabuinha II – Penn 46-72, Tabuinha II 36-46, Penn – 85-86, 90-112, Tabuinha II 59-64, Penn 135-203, Tabuinha II 103-112, Penn 212-221, Tabuinha II 113-115, Penn 227-240, Yale 11-20, Tabuinha II 162-191, RMV 1-2, RMV 4-7, RMV 14-36, Yale 89-119, Tabuinha 216-229, Yale 141-151, Tabuinha II 237-241, Yale 162-187, Tabuinha II 260-301, MSy 17-22. Tabuinha III, Yale 254, Yale 272-287. Tabuinha IV, [Bogz 2 i 6], [Bogz 2 i 12], Scho 2 anv 5-12, Bogz 2 i 18-21, Bogz 2 i 14-24, Tabuinha IV 78-109, Nipp anv 1-8, Tabuinha IV 120-141, Nipp anv 9-26, Nipp rev 1-7, Tabuinha IV 155-182, Harm I anv 3-9, rev 10-16,. Tabuinha V (1), Harm 2 anv 16-20, Tabuinha V (2), (3), (4), RMV 129-133, 138-147, Tabuinha V (5), (6), (7), RMV 271-2, Tabuinha V (8), (9), Ugar (c) 13-18, Tabuinha V (10), Ishc anv 6-18, Tabuinha V (11), [Ishc rev 20], [Ishc rev 25], Ishc rev 26-38, Tabuinha V (12), [Bagd ver 19], [Bagd ver 26].

³ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.11.

⁴ Leia-se «Uruk (sum.: Unug) Cidade da Baixa Mesopotâmia, no local hoje chamado Uarqa, no Iraque central. A Ereq bíblica, também conhecida como *Tirannu* («arco-íris») no período selêucida (311-146 a. C.). «Uruk» contrai os vocábulos *Uru* (cidade) e *Ki* (lugar), o que veicula a ideia da cidade como lugar de habitação por excelência. A arqueologia trouxe já à luz um elaborado complexo de arquitetura

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

se referem à Natureza: quando Gilgameš e Enkidu chegam à Floresta dos Cedros: “*Gilgameš and Enkidu arrive at the Cedar Forest and admire its luxuriance, one of the rare passages of Babylonian narrative poetry that is given over to the description of nature.*”⁵, a Natureza é adjetivada como “luxuriante”.

Recordamos que não se trata de um lugar qualquer, a Floresta dos Cedros é um espaço sagrado, onde ninguém que não pertencente a esse lugar, deveria ou poderia entrar; falamos de uma outra dimensão, uma dimensão divina e natural, que merecia ser protegida por um monstro natural, criado por uma divindade suprema (Enlil).

Diz-nos Paulo Mendes Pinto que a procura por esta demanda tão ousada, tem como fundamento, a exaltação do nome do herói Gilgameš, ou seja, a busca da imortalidade do seu nome⁶, neste sentido as suas façanhas iriam ecoar por milénios, colocando assim o rei de Uruk num lugar absolutamente próprio.

Analisámos, ainda, várias vertentes de dicionários e enciclopédias de símbolos, onde procurámos os elementos caracterizantes de Humbaba, tais como: «monstro», «gigante», «guardião», «Humban», «tesouro», «híbrido», entre outros. São muito interessantes as definições em torno do arquétipo de monstro. Por norma, define-se como um guardião de algo precioso, de algo que tem que ser conquistado, com esforço e permite ao sujeito (seja ele um herói, rei ou semideus) superar-se a si mesmo, tendo como resultado dessa passagem um eu superior e fama que ecoa por milénios.

O «gigante», com uma definição muito pertinente, no sentido em que quando a ter que ser conquistado, ou quando surge uma luta inevitável com o herói em questão, normalmente resulta numa transformação, numa superação, num momento em que o herói já não é o mesmo quando vence o gigante, ou o monstro em questão. Há uma superação e consequentemente uma metamorfose no seu ser. A luta é alquímica, transformadora, como se de um salto qualitativo se tratasse.

monumental e demonstrou a extraordinária importância da cidade já nos finais do quarto milénio a. C. A cidade compreendia originalmente duas áreas urbanas concêntricas, divididas por um canal. Numa das áreas, o Kullab, a divindade principal era Anu; na outra, a interna (o Eanna), Istar.» Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.244.

⁵ Al-Rawi, F.N.H, George, A.R., *BACK TO THE CEDAR FOREST: THE BEGINNING AND THE END OF THE TABLET V OF THE STANDARD BABYLONIAN EPIC OF GILGAMEŠ*, American Schools of Oriental Journal Research, 2003, p.1.

⁶ Pinto, P.M., *Do Alfa ao Ómega: Caminhos da Massificação Cultural através da Ideia do Deus que Aceita Morrer*, 2021, p. 193.

“Giants are found in the mythic ideas and fairy tales of most peoples as larger-than-life, humanoid beings (titans, cyclopes, etc); originally, they were probably seen as the embodiments of tremendously powerful forces of nature; in most mythologies, they are the opponents of the gods, yet also the opponents and assistants of humans; now and then, individual giants possess great wisdom; in fairy tales, they usually eat humans (...) Occasionally, though, one encounters positive portrayals of primeval giants who took part in the creation of the world or who support it. – Battle against giants often probably symbolizes man’s self-assertion vis a vis nature”⁷

O «monstro» está intimamente associado ao sagrado, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant: “Enquanto guardião do tesouro, o monstro é também sinal do sagrado”⁸. Jeffrey H. Tigay sintetiza Humbaba como “superhuman guardian of the Cedar Forest in the West.”⁹ Isto é, um super humano, não só um monstro, não só um ser em que nada se aproxima do homem. No entanto no que respeita às suas descrições físicas, as versões são variadas.¹⁰

A definição de «monstro» nos dicionários temáticos dizem-nos que foram criados como encarnação do caos perante a ordem divina, ou surgem-nos em sagas onde têm como reféns donzelas, que esperam ser salvas pelos seus heróis, ou detentores de tesouros à espera de serem reclamados por alguém que os desafie. Ao estarem perto do caos, essa natureza como que os coloca junto à fonte primeira de tudo. Por isso serem os guardiães de elementos que são eles próprios não só de uma sacralidade muito significativa, como

⁷ Becker, U., *The continuum encyclopedia of Symbols*, The continuum Publishing Company, New York, 2000, p.127.

⁸ Chevalier, J., Gheerbrant A., *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, 1982, p. 455.

⁹ Ibidem, p. 455.

¹⁰ Ver como a noção de “monstruosidade” em oposição à antropomorfia (a forma humana como definidor dos próprios deuses), podem com que ser indicadores de fases mais iniciais da própria cosmogonia; por exemplo na genealogia mitológica que nos é dada pela Grécia Arcaica por Hesíodo, apresenta na primeiras gerações divinas uma aproximação à forma humana não conseguida que se relaciona diretamente com uma inexistência de valores civilizacionais; isto é, seguindo as gerações dos deuses, só os deuses olímpicos têm forma humana, vivem como numa sociedade humana e são “civilizados”.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

estão também perto de elementos fundadores da civilização. Eles devem ser conquistados, superados, vencidos, é esse o seu papel.

“Monsters are often probably the personification of anxieties (...) relating to the external world as well as to threatening aspects of one’s own mind. – In the Bible (...), monsters are embodiments of the order opposed to God. – They are often encountered in sagas and fairy tales as a keeper of treasure or a robber and guard of a maiden who must be fought and conquered: from a psychoanalytical point of view, this can be interpreted as a symbol of the trials and tribulations on the path of the development of one’s personality.”¹¹

Diz-nos Jeremy McInerney que os monstros da mesopotâmia seriam de tal forma complexos, exóticos e estimulantes, que viriam a inspirar qualquer povo que tivesse acesso a essa cultura¹².

Como consequência, alguns dos monstros foram importados diretamente pelos Gregos, por exemplo, e adaptados para a sua própria mitologia.¹³ McInerney diz claramente que os Gregos foram buscar os seus monstros ao Médio Oriente, após terem contactado com essa cultura.

Os gregos, por exemplo, foram influenciados pelos seus Lamassu (Lama)¹⁴ nas entradas das cidades, pelo misterioso Mushusshu (Mušḫuššu, cuneiforme , também conhecido como sirrush, *sirrušu*)¹⁵, o dragão sumério intimamente associado ao deus Marduk (amar.uda.ak, )¹⁶, presente nas portas de Ishtar¹⁷ da cidade da Babilónia,

¹¹ Becker, U., *The continuum encyclopedia of Symbols*, The continuum Publishing Company, New York, 2000, p.121.

¹² Conferência “Great Beasts of Legend: Centaurs, Sirens and Chimaera: The Greeks and their Monsters”, 2 de Dezembro de 2016. (<https://www.youtube.com/watch?v=CCGoY2YcoK4&frags=pl%2Cwn>)

¹³ Ibidem.

¹⁴ Black, J., Green A., *An Illustrated Dictionary. Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*, The British Museum Press, 2003, p. 155.

¹⁵ Ibidem, pp. 129,137,166.

¹⁶ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 543-548.

¹⁷ Leia-se «Ištar Filha de Anu e irmã de Ereškigal. A mais importante deusa da mesopotâmia e uma das protagonistas decisivas do mundo mítico. Deusa da fertilidade e da sexualidade. Preside também (sem

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

precisamente porque Marduk seria a divindade de eleição desta cidade, mas também associada à Justiça, à Água, à Criação e à Vegetação, uma divindade à qual damos uma atenção especial, uma vez que é a única divindade que lutou e demarcou a sua presença no panteão mesopotâmico. Foram de facto alguns os monstros mitológicos “importados” pelos gregos¹⁸.

Charles Penglase defende precisamente a herança, a influencia direta nos poemas de Homero e em Hesíodo. Penglase fala precisamente nos paralelos dos mitos gregos e da mesopotâmia, onde normalmente estão presentes: viagens, onde na sua maioria a ideia de demonstração, de aquisição ou poder nessas viagens¹⁹.

Andrew George descreve Humbaba como um ogre (usando uma clara liberdade interpretativa). Um ogre enviado pelos deuses²⁰. Curiosamente, fala-nos nas placas de terracota com a forma da cabeça de Humbaba e sugere que talvez fossem usadas como amuletos de proteção contra o “mau olhado”. Se assim for, aqui temos um salto tremendo de um monstro sagrado protetor sim, mas da Natureza, que agora simboliza a proteção daquele que o “destruiu”: o Homem.

H. Koch liga Humbaba (Huwawa) ao período Elamita, afirmando que terá sido a divindade elamita Humban (Khumban)²¹, o deus do céu, que numa primeira fase estaria no topo do panteão elamita, na dinastia Awan (ce. 2200 AEC). O seu culto terá sido mantido durante dois milénios. O que o caracteriza como deus é em muito semelhante a Enlil, divindade suprema suméria, e o pai, o criador de Humbaba (Huwawa), o nosso guardião da floresta dos Cedros.

surpresa) à guerra e à discórdia. É representada, por vezes, como uma mulher madura e ponderada; por vezes, como uma donzela impetuosa. A ambivalência, que se constitui como o seu traço principal, é talvez produto dos muito sincretismos de que resulta. No céu astral, é Vénus, filha de Sîn. Habita o Eanna, em Uruk, mas conhece inúmeras formas locais (Ištar de Ágade, Ištar de Arbela, etc)» Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMESH*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.241.

¹⁸ Penglase, C., *Greek Myths and Mesopotamia: Parallels and Influence in the Homeric Hymns and Hesiod*, Routledge, London, 1997, pp. 1-12.

¹⁹ Ibidem, p.1.

²⁰ Conferência “The Epic of Gilgamesh, Lecture by Andrew George”, Presented in collaboration with the Departments of Near Eastern Languages & Civilizations and Comparative Literature, with the support of the Provostial Fund for the Arts and Humanities, Harvard University, 30 de Janeiro de 2017. (https://www.youtube.com/watch?v=Rd7MrGy_tEg).

²¹ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 431-432.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Humban é também, possivelmente, o equivalente a Anu²² (cujo nome significa precisamente «Céu») na mitologia Suméria; é filho de Anshar (o princípio masculino; o mundo celeste) e Kishar (o princípio feminino; o mundo terrestre)²³; tem como seu reino os espaços celestes, é o deus supremo. É a Anu que as divindades recorrem para pedir proteção, para se lamentarem, para pedirem vingança, como o caso da deusa Ishtar, que pede a Anu que lance um «touro celeste» contra o herói Gilgameš, após ter sido rejeitada e desrespeitada por ele²⁴.

Humban surge em textos mesopotâmicos, tal como outras divindades elamitas, como, por exemplo, na série de encantamentos conhecida como Šurpu (Šurpu II – 163), textos que expressam medidas de resolução perante os males da vida: infortúnio, doenças, ofensas, entre outros. Um guião para saber sobreviver a esses desafios ditos maléficos, que tanto transtorno poderiam causar.

Paul J. Krause explora a questão da conquista da Floresta dos Cedros com a Revolução Neolítica e o conceito de “man maker” (homo faber). Refere especificamente na transição massiva de caçadores-coletores e naturalmente de nómadas, para sedentários. Esta revolução possibilitou adquirir, através da experimentação e da observação, o conhecimento do trabalhar a terra, tirar proveito dela, obtendo assim alimento, o domesticar as plantas, resultando no nascimento da Agricultura.

Paul J. Krause considera que a vitória de Gilgameš e Enkidu sobre Humbaba (Huwawa) é, de facto, a vitória do Homem sobre a terra, a natureza e, consecutivamente, a domesticação das plantas e dos animais. Pois esses animais em tempos primordiais seriam, na sua esmagadora maioria, predadores ferozes dos humanos²⁵.

É interessante relacionar esta representação do neolítico, e da sua transformação após o domínio do homem, com o que acontece a Enkidu. Ele próprio é uma representação do neolítico, ou seja, Enkidu no seu “estado natural” estava totalmente envolvido com o habitat, envolvido com o seu meio: comia com os animais, corria com os animais, dormia com os animais. Enkidu passa por todo um processo onde está 6 dias e 7 noites com a

²² Leia-se «Anu (sum.: An) «Céu». Pai da dinastia divina dos Anunnaki. Com a sua consorte Antu, e a filha Ištar, habitava o Eanna («Casa do céu»), em Uruk.» Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.237.

²³ Guirand, Félix (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006, pp. 104-105.

²⁴ Ibidem, pp. 110-111.

²⁵ “The Epic of Gilgamesh & the Struggle for Civilization”, Lecture by Paul Joseph Krause, <https://www.youtube.com/watch?v=6YSikODYRfi>, 20 de Setembro de 2019.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

prostituta sagrada Šamhat²⁶, onde tem lugar um conjunto de ensinamentos: o saber comer, o saber vestir e o próprio processo sexual, dão aso à transformação civilizacional de Enkidu.

Humbaba morre, logo esse perigo primordial dos humanos é como se fosse simbolicamente aniquilado, possibilitando assim um ponto de viragem, no que respeita, à ideia de Natureza (selvagem)? O que morre afinal? O que se perde? O que é terminado de forma abrupta e ilegítima e quais as consequências desse ato?

Por outro lado, não podemos deixar de questionar: o que se ganhou com a conquista de Humbaba? Quem é Gilgameš no antes e no após Humbaba?

Humbaba surge-nos como “*superhuman guardian of the Cedar forest in the West (Lebanon)*.”²⁷, quem é este “super-humano” afinal? Ele é intimamente ligado ou associado à dimensão do Monstro, do Terrível, do Terror, mas é também segundo alguns investigadores um “protetor” do ser humano.

Crê-se que eram usados amuletos com a famosa representação da face de Humbaba. Assim sendo, como passa este guardião da Floresta dos Cedros, guardião da Natureza, a “guardião dos humanos”? Usam-se amuletos com a sua cara, para garantir a segurança contra o mal, ou contra o mau olhado? Uma vez que esta entidade é detentora de todas as características de tudo o que possibilita proteger algo (espaço, lugar, pessoa), é assim lógico que tal representação de força seja usada em proveito do Homem?

Paulo Mendes Pinto fala-nos de Humbaba (Huwawa) como “um misto de ser e de local”²⁸, guardião de uma região também ela “não normal”, a Floresta dos Cedros é uma área reservada à dimensão dos deuses, e não aos humanos. É um espaço sagrado, um espaço onde os Anunnaki habitavam. Essa morada foi brutalmente desrespeitada e violada, uma afronta desmedida teve lugar.²⁹

²⁶ Leia-se «Šamhat (AB: *Šamkatum*) Hieródula ou prostituta cultural de Uruk (relacionada, portanto, com o sacerdócio de Ištar) cuja tarefa no épico é atrair Enkidu à humanidade civilizada. O seu nome é a forma feminina do adjectivo *šamhu*, que denota a saúde e beleza superlativas, mas faz evidente alusão a *šamhatu*, sinónimo da palavra com que é designada no épico: *harimtu* («rameira», «prostituta»). Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.243.

²⁷ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 431-432.

²⁸ Pinto, P.M., *Do Alfa ao Ómega: Caminhos da Massificação Cultural através da Ideia do Deus que Aceita Morrer*, 2021, p. 197.

²⁹ Ibidem, pp. 202-203.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Diz-nos Francisco Luís Parreira, sobre os Anunnaki, em particular:

«Anunnaki (Anunna, Anikki, Enunaki) «Filhos de Na (Anu)», nome sumério das velhas divindades ctónicas da fertilidade e do Inframundo, encabeçadas por Na. No panteão sumero-babilónio, os deuses cimeiros em período inicial, e contrapartida dos deuses menores, os Igigi. Em período mais tardio, associados apenas ao Inframundo.»³⁰

Curiosamente, e apenas um apontamento, este Mundo Inferior (*Kur*), ou seja, o mundo dos mortos, era um espaço simétrico ao céu, mas subterrâneo, onde se permanecia pela eternidade. Seria governado por Eres Ereškigal e Nergal, e os Juízes subjacentes a este espaço seriam os Anunnaki e, de acordo com a tradição suméria, Gilgameš e Etana.³¹

³⁰ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.237.

³¹ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.241.



Fig. 1 Placa de terracota encontrada na cidade de Sippar, Iraque, British Museum, Londres, Inglaterra.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Em 2012 é defendida a tese “Humbaba (Huwawa)” de Sara B. Graff da Universidade de Nova Iorque. Neste trabalho, a investigadora oferece-nos toda a iconografia, num trabalho inédito, em torno desta personagem e, mais que isso, divulga a história da sua presença, influência e viagem até ao mundo ocidental, quando conclui que Humbaba (Huwawa) terá influenciado a Górgona (Γοργώ) na mitologia grega.

Na mitologia grega, Górgona, ou Górgonas, são três: Esteno, Euríale e a mais famosa de todas, Medusa (Μέδουσα), são as três filhas das divindades marítimas Fórcis e Ceto³². Medusa (Μέδουσα) é considerada a Górgona por excelência, um monstro ctónico, das três irmãs é a única mortal, e é representada com “*a cabeça rodeada de serpentes, que tinham grandes presas, semelhantes às dos javalis, mãos de bronze e asas de ouro, o que lhes permitia voar.*”³³. Medusa (Μέδουσα) ao contrário das suas irmãs imortais, morre pelas mãos de Perseu (Περσεύς) um semideus, filho de Zeus, um herói de origem argiva, um dos antepassados diretos de Hércules. É-lhe incumbido trazer a cabeça de Medusa ao Rei Polidectes.

O mito conta-nos que o rei Polidectes, apaixonado pela mãe de Perseu, Dánae, decide organizar um banquete, convida naturalmente o herói, e durante o festim pergunta aos presentes o que gostariam de lhe oferecer como prenda, todos disseram “*que um cavalo seria a prenda adequada a um rei*”³⁴, menos Perseu. Perseu diz que ofereceria a cabeça da Górgona, como um presente digno de um rei.

Polidectes rapidamente aproveita a oferta dizendo que se Perseu não a conseguir cumprir, irá apoderar-se da sua mãe, à força. Perseu entrega-se assim à demanda, e, claro, com a difícil tarefa Hermes³⁵ e Atena³⁶, naturalmente facultam meios que possibilitam cumprir a sua ousada promessa.

Assim Perseu não só consegue decapitar o monstro, como traz um troféu: a sua cabeça.

³² Jones, L. (Dir.), *ENCYCLOPEDIA OF RELIGION*, Second Edition, Thomson, Gale, 2005, p. 6165.

³³ Grimal, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp.187-188.

³⁴ Grimal, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, p. 371.

³⁵ Ἑρμῆς, divindade com muitas direções, o deus da eloquência, da hermenêutica, da magia, da divinação, associado a algumas formas de iniciação, entre outros. Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp. 223-224.

³⁶ Ἀθηνᾶ, deusa da civilização, das estratégias de batalhas, da sabedoria, das artes, da justiça, da habilidade, entre outros. Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp. 53-54.

“Depois Perseu pôs a cabeça de Medusa dentro do alforje e pôs-se a caminho. As duas irmãs da vítima perseguiram-nos, mas em vão, pois, o elmo de Hades, tornava-o invisível.”³⁷.

A cabeça de Medusa, mesmo separada do seu corpo, continua dotada de poderes, é uma “super arma”. Perseu, no regresso desta demanda, cruza-se e conhece Andrómeda, não só se apaixona por ela, como a salva de um gigante monstro marinho, precisamente com a poderosíssima arma que detinha: a cabeça de Medusa (Μέδουσα). Andrómeda (Ἀνδρομέδα) filha de Cefeu (Rei da Etiópia) e de Cassiopeia. Ora, Cassiopeia tinha a pretensão de ser a mais bela de todas as Nereides³⁸. Levadas pelo ciúme, pedem a Posídon vingança por tal afronta. Posídon cria um monstro marinho colossal, que ameaçava agora o país de Etiópia. Consultam o oráculo de Ámon que diz que deverão expor a filha de Cassiopeia como vítima ao monstro, para que findasse o tormento e a cólera divina³⁹. Andrómeda é então levada e presa a uma rocha, como sacrifício. Perseu, no regresso da sua expedição contra Medusa (Μέδουσα), depara-se com a jovem proposta a sacrifício, e promete a seu pai (Cefeu) que se a salvar poderá toma-la como esposa. E assim foi, Perseu com a poderosíssima cabeça de Medusa consegue transformar o monstro marinho em pedra, salva a jovem Andrómeda e casa com ela.⁴⁰

³⁷ Ididem, pp. 371-372.

³⁸ Leia-se «Nereidas ou Nereides (Νηρηίδες) são divindades marítimas, filhas de Nereu e de Dóris e netas de Oceano. Personificam, talvez, as inúmeras vagas do mar. O seu número é, geralmente 50, mas, por vezes, era elevado até cem. (...) Na maior parte dos casos, intervinham nas lendas como espectadoras, raras vezes como atrizes. (...) Estão presentes na libertação de Andrómeda por Perseu, etc.» Grimal, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp.327-328.

³⁹ Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, p. 26.

⁴⁰ Grimal, Pierre, *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp.26, 77, 371, 327, 328.



Fig. 2. Ornamento de telhado com a cabeça da Medusa. Etrúria, Itália, século 6 AEC. Museu Nacional da Escócia.⁴¹

⁴¹ Amin, O. S. M. (2015, November 21). [Roof Ornament with Medusa's Head](https://www.ancient.eu/image/4184/). *Ancient History Encyclopedia*. Retrieved from <https://www.ancient.eu/image/4184/>



Fig. .3. Cabeça da Medusa (vista de cima.), assinado pelos artesãos Ergotimos e Kleitias, datado cerca 570 AEC, Met Museum, EUA.



Fig..4. Cabeça da Medusa (vista de lado), assinado pelos artesãos Ergotimos e Kleitias, datado cerca 570 AEC, Met Museum, EUA.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

A cabeça de Medusa tem uma simbologia enorme: ela é dotada de poderes, pois mesmo depois de morta e de suportar a separação do corpo ao qual pertencia, continua a conseguir transformar quem olhe diretamente para ela em pedra.

A cabeça de Humbaba é também ela levada por Gilgameš, e ao longo dos tempos, o mito em torno da cabeça deste monstro, coloca-o no domínio dos amuletos. Ou seja, a cabeça de Humbaba é possivelmente usada como amuleto, como forma de obter a proteção de quem a detém contra o mal (e tudo o que isso implica: os infortúnios, a doença, o mau olhado, a fome, a má sorte, enfim nomeando aqui, apenas algumas das condições não desejadas do Homem)⁴².

Sara B. Graff, diz-nos que as primeiras representações de Humbaba, ou as mais antigas pelos menos, remontam ao período Acádico. A sua iconografia terá sido codificada, no início do segundo milénio AEC, e as primeiras menções a Humbaba são meramente descritivas e nunca interpretativas. Explica-nos que o assiriologista Vincent Scheil (1858-1940) terá tentado comparar com a Górgona uma máscara de Humbaba (Huwawa) descoberta nas suas escavações na cidade de Sippar.

«Un des objets les plus intéressantes que les fouilles aient livrés esta sans conteste le masque, à figure épaisse, comique, qu'un rire grotesque aplait. Alors que les yeux, le nez et les lèvres souvrent larges, les dents sont serrés pour augmenter le ridicule de la physionomie. (...) Dans son ensemble, elle rappelle les têtes de Gorgone, et semble tenir l'art grec.»⁴³

Mas são apenas consideradas credíveis, podemos assim dizer, as interpretações académicas referentes a esta figura a partir de 1924, com trabalhos de investigação.

O assiriólogo Sidney Smith (1889-1979), traduz uma inscrição presente no verso de uma máscara com a forma da cabeça, associada a Humbaba, conforme as figuras 3 (frente) e

⁴² Conferência “The Epic of Gilgamesh, Lecture by Andrew George”, Presented in collaboration with the Departments of Near Eastern Languages & Civilizations and Comparative Literature, with the support of the Provostial Fund for the Arts and Humanities, Harvard University, 30 de Janeiro de 2017. (https://www.youtube.com/watch?v=Rd7MrGy_tEg).

⁴³ Scheil, Jean-Vicent, Une saison de fouilles à Sippar (Abou Habba), Janvier Avril 1894, Forgotten Books, 2018, p. 88.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

4 (verso). Sidney Smith diz precisamente que o texto revela a identificação do nosso sujeito, diz o texto:

«Se as espirais do cólon se assemelham à cabeça de Huwawa, [este é] um presságio de Sargão que governou a terra.

E [o presságio for] para um homem pobre,

A casa do interessado será ampliada,

[Escrito pela] mão de Warad-Marduk, adivinho (brû),

Filho de Kubburum, adivinho.»

Sidney Smith diz-nos que a formação da palavra Hu-wa-wa é típica do período antigo babilónico (2000-1600 AEC), e chega à conclusão que esta placa, em particular, será uma cópia a partir de outra muito mais antiga. Supõe até que tenha sido usada como referência para diagnosticar, nas leituras divinatórias, as entranhas de animais. Sidney Smith propõe que esta tenha sido passada de geração em geração dentro do próprio sacerdócio de Brû⁴⁴.

⁴⁴ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, p.73



Fig. 5. Cabeça de Humbaba (Huwawa) frente, com inscrição atrás, British Museum, Londres, Inglaterra.



Fig. 6. Cabeça de Humbaba (Huwawa), verso, com inscrição atrás, British Museum, Londres, Inglaterra.



Fig. 7. Huwawa, representado com uma enorme e desfigurada boca. II Milénio AEC.

1.1: Epopeia de Gilgameš: uma abordagem ao enredo Gilgameš, Enkidu e Humbaba.

Não poderíamos avançar neste trabalho sem, como ponto de partida, contextualizarmos o objeto que aqui tratamos. Ora, teremos que abordar de uma forma, ainda que, superficial a Epopeia de Gilgameš. Este, conta-nos o testemunho do rei da icónica cidade de Uruk, uma das grandes cidades da Mesopotâmia⁴⁵,

Após a escrita ter sido inventada, pouco tempo depois, surge pela primeira vez Gilgameš numa listagem de deuses/reis, mais conhecida como “The Sumerian king list”⁴⁶, descoberta na antiga cidade de Fara, texto datado 2600-2300 AEC, aproximadamente. Nesse texto, surge a formação da palavra: dingir – gish – gil – ga – mes, sendo esta uma das formas de se escrever Gilgameš. O nome terá tido várias formas, como por exemplo Bilga.mes, numa versão mais antiga.

Steve Tinney diz-nos que antes de Gilgameš ser conhecido com estatuto de divindade (devido ao uso do determinativo «DINGIR»), terá sido um rei, em tempos primordiais, pois não há documentação direta que comprove a sua existência. Mas não é de todo isso que nos importa. Importa-nos, sim, a narrativa em torno deste suposto rei da cidade de Uruk, ele é supremo, insuperável, transcendente. A sua forma é perfeita, maior que todos, mais forte do que outra pessoa qualquer.

⁴⁵ Onde foi inclusive descoberto um dos textos mais antigos (até à data conhecido), escrito em pictogramas com cerca de 3320, na língua suméria – sendo que nem todos os académicos concordam com esta afirmação, segundo Steve Tinney (Universidade da Pensilvânia, EUA), mas à partida será um dos mais antigos.

⁴⁶ Esta peça arqueológica fornece informações importantes, a destacar: a listagem de reis anteriores ao Dilúvio com reinos colossalmente compridos, tal como na Bíblia as pessoas antes do Dilúvio viviam mais tempo. Seguidamente a lista de reis após o Dilúvio, claramente com reis que já detinham uma condição diferente, quanto mais não seja pelo período muito mais curto de vida.

Encontramos a transliteração da “Sumerian king list”: l. 112. BLACK, J.A., CUNNINGHAM, G., EBELING, J., FLÜCKIGER-HAWKER, E., ROBSON, E., TAYLOR, J., and ZÓLYOMI, G., The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature (<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>), Oxford, 1998–2006.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA



Fig.8. Representação de Gilgamesh, datada c. 713-706 AEC, estaria na sala do trono do Palácio de Sargon II, Museu do Louvre, Paris, França.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Mas o seu comportamento é abusivo, despótico, o seu povo está farto das suas ações como soberano, tais como o uso do chamado *prima noctis* traduzindo-se pelo “direito da primeira noite”, ou seja, o usufruto da primeira noite com a noiva, na sua noite de núpcias. Enfim todas as suas ações como rei colocam-no numa posição de *persona non grata* aos olhos do seu povo, o rei que foi longe demais para com os seus. Como consequência, o povo apela aos deuses para que possam dar a Gilgameš um par, alguém que o acompanhe. Em resposta os deuses decidem agir.

A deusa Aruru (associada à terra, à fertilidade) é quem vai moldar Enkidu à sua imagem, mas cria-o originalmente como um quase animal selvagem; ele é antropomórfico, grande, poderoso, forte, mas vive com os animais, come com os animais, corre com os animais. Ele vive numa outra dimensão⁴⁷, ele vive na dimensão não civilizada, selvagem, natural, pertencente ao mundo natural.

Uma das características da Epopeia é a ideia de dimensão ou dimensões. Nesta epopeia há dimensões de onde se podem sair e entrar, e dimensões que quando atravessadas, podem trazer implicações e consequências, portanto, a habilidade de entrar e sair de certas dimensões e o ser apropriado de se permanecer no seu respetivo lugar, destacam-se nesta realidade literária.

⁴⁷ Conferência “The Epic of Gilgamesh, Lecture by Andrew George”, Presented in collaboration with the Departments of Near Eastern Languages & Civilizations and Comparative Literature, with the support of the Provostial Fund for the Arts and Humanities, Harvard University, 30 de Janeiro de 2017. (https://www.youtube.com/watch?v=Rd7MrGy_tEg).

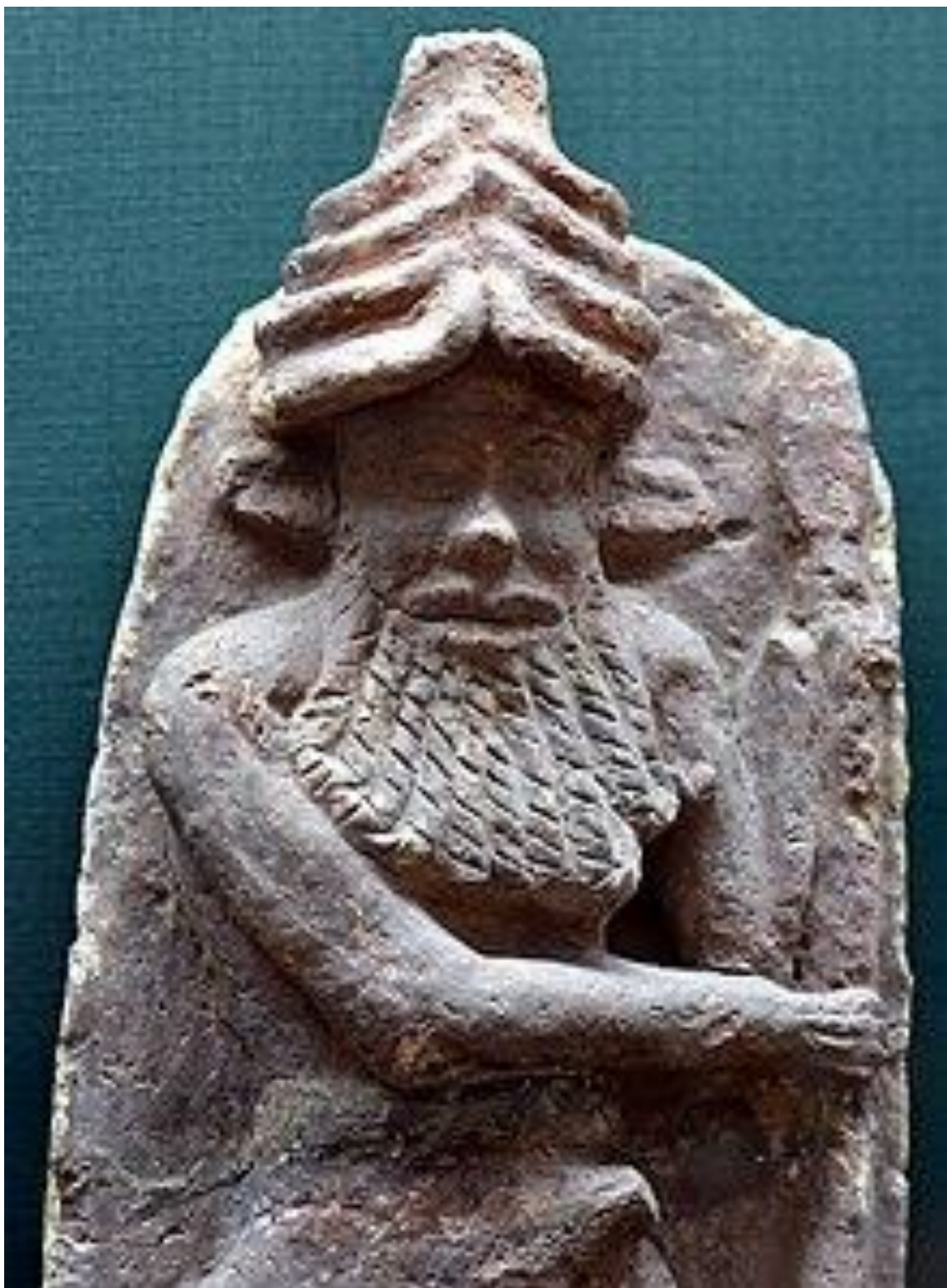


Fig. 9. Representação de Enkidu, cidade de Ur, Iraque. Datada de 2027-1763 AEC, Museu do Iraque.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Enkidu, uma vez pertencente ao mundo natural, e estando no seu estado selvagem, deverá chegar a Gilgameš num estado diferente, deverá sim, chegar ao rei de Uruk como homem civilizado.

Começa todo um processo, singular, pois Enkidu conhece Šamhat, uma prostituta sagrada, cujo papel é importantíssimo e essencial, pois é ela que o “domestica”, é ela que torna possível o arranque, do processo de transformação, de Enkidu, de homem selvagem em homem civilizado. Um processo de transformação onde, através de atos sexuais, durante 6 dias e 7 noites, Enkidu é afastado do mundo natural e coloca-o, agora, no mundo dos homens civilizados. Šamhat fornece alimento, ensinando-o a comer, a beber, mas também a vestir-se, pois até então, relembramos, que Enkidu dormia com os animais, corria com os animais, bebia com os animais.

Enkidu passa claramente de uma dimensão para outra. Esta nova dimensão é irreversível, não se pode voltar atrás, ou seja, Enkidu ao entrar nesta dimensão e ao subtrair-se da dimensão natural, está agora numa realidade à qual não pode mais regressar. Pois, mais tarde, quando perante animais, não é reconhecido por eles. Não é aceite, não pertence à dimensão dos animais. Como tal, não é reconhecido, muito menos lembrado.

Enkidu e Gilgameš encontram-se, na primeira vez, de forma violenta, onde medem forças, medem forças até compreenderem que se deparam entre iguais. Logo apreendem, ou melhor, percebem a sua natureza; nasce um respeito mútuo e, de alguma forma, fascínio um pelo outro, neste sentido, rapidamente se tornam companheiros. A ligação e a sua relação serão sempre muito especiais.

Ao longo da narrativa (mesmo que com inconsistências e falhas nas tabuinhas) são claros os sinais de uma espécie de ansiedade existencial da parte de Gilgameš, por exemplo, quando Enkidu pergunta a Gilgameš porque está triste ou apreensivo e Gilgameš responde que ao ver corpos a passar no rio à beira das muralhas de Uruk, pergunta-se a si mesmo, para que se serve tudo? Qual o propósito de tudo? Portanto há, sempre uma espécie de vazio interior que constrange Gilgameš.

Esse vazio tenta ser preenchido com a busca de fama, a conselho de Enkidu. Mas não uma fama qualquer. Uma fama digna do rei da cidade de Uruk, com dois terços de

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

divindade, e um terço humano⁴⁸. Enkidu desafia Gilgameš a enfrentar e a matar Humbaba, o guardião da Floresta dos Cedros; só aniquilando um monstro daquele calibre, digamos assim, é que Gilgameš conseguiria alcançar fama eterna, uma fama que durasse milhares de anos, ou seja, o eco do seu nome seria eterno.

Este é naturalmente um desafio que tem problemas desde o início. As implicações deste desafio são ou estão em pleno conhecimento de cada um dos personagens. Gilgameš e Enkidu sabem que vão longe demais com este plano, e têm pleno conhecimento em como serão repudiados e vingados pelos deuses. Pois mais ninguém se lembrou de lançar um desafio com esta dimensão. Mais ninguém se lembrou de desafiar a autoridade direta dos deuses supremos.

Humbaba é um guardião, um monstro, um “super human”⁴⁹, pertencente a uma outra dimensão, dimensão à qual Gilgameš e Enkidu não pertencem. Humbaba é o guardião de um lugar, ou um espaço sagrado, também referido como a morada dos deuses e das deusas.

*“Puseram-se a adivinhar a floresta,
a contemplar os cedros imponentes,
o caminho que se faria pela floresta.
Por onde Humbaba ia e vinha, ali se formara o trilho;
estava a senda cuidada, o passo desimpedido.
Observaram a Montanha do Cedro, morada dos deuses
e, das deusas, o trono nimbado.
Sobre a face da montanha, o cedro exuberava,
doce era a sua sombra, e cheia de deleites.*

⁴⁸ Conferência “Gilgamesh: Journeys to the End of the World, Lecture by Steve Tinney”, Penn Museum, University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 10 de Janeiro de 2014. (<https://www.youtube.com/watch?v=46Xst2do8p4&t=1403s>).

⁴⁹ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 431-432.

Espinhoso o matagal, e enredição; a floresta, um espesso dossel;

pela urdidura de cedros e árvores ballukku

nenhum caminho se abria.”⁵⁰

Trata-se de um local (geográfico) onde o homem não pode entrar, pois não lhe é natural. Não lhe pertence, mas não só não lhe pertence, como é-lhe interdito. Pois é morada dos deuses, e naturalmente, como tal não é o seu lugar.

Humbaba, sim, é legítimo naquele lugar, foi designado a protegê-lo de qualquer circunstância e alegado perigo. A sua criação e função protetora divina tem uma importância com um valor incalculável, pois protege a Natureza. Tudo o que há de mais sagrado é a Natureza, pois é o que nos possibilita viver, é a que nos possibilita alimento, possibilita continuidade, procriação. Mas também possibilita a morte, a doença, os infortúnios quando assim acontece.

Humbaba deverá ter a descrição horrífica habitual nos textos, porque ele sendo guardião de algo tão valioso, tão precioso à Vida, deverá impor respeito e terror, para que ninguém ouse destabilizar o equilíbrio natural das coisas. O mundo Natural é sagrado. O mundo natural é o que nos sustenta, é o que sustenta o planeta em que vivemos, logo há que protegê-lo, defendê-lo, salvaguardá-lo com todo o ímpeto.

Uma das formas de anunciar Humbaba é: Gigante. Os Gigantes (Γίγαντες)⁵¹ na mitologia grega, por exemplo, são filhos da Terra (Geia), e teriam nascido a partir do sangue da castração do deus Úrano⁵² despoletada por um Titã, mais propriamente, pelo seu filho Crono⁵³, o mais novo da primeira geração de Titãs, portanto anterior a Zeus e aos deuses Olímpicos. Os gigantes são também de origem divina, tal como Humbaba, os gigantes são seres ctonianos, ou seja, residem nas cavidades da terra. Os Gigantes personificam

⁵⁰ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.87.

⁵¹ Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, pp.184-185

⁵² Οὐρανός, deus primordial do Céu, elemento fecundo. Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, p. 105

⁵³ Κρόνος, o deus da Colheita. Ibidem, p. 105.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

as forças da terra, nos seus corpos gigantes em tamanho, mas espiritualmente muito pobres.⁵⁴

“São seres enormes, com uma força invencível e com aspecto aterrador. Têm uma cabeleira espessa, uma barba hirsuta, e as suas pernas são corpos de serpentes (GRID, 164)”⁵⁵

Curiosamente os gigantes só poderão ser derrotados com a junção de forças entre uma divindade e um homem (ou homens). É incontornável não comparar a questão da luta de Humbaba que é vencido com a força conjunta de Gilgameš e Enkidu, e naturalmente guarnecidos com armas. Há versões em que Gilgameš leva consigo um exército de 50 guerreiros para derrotar Humbaba. Curioso que na mitologia grega todos os deuses adversários dos Gigantes precisam sempre da ajuda do Homem para que execute efetivamente a ação de matar o monstro. Ou seja, os deuses possibilitam a morte do Gigante, mas é o Homem que leva a cabo a sua morte.

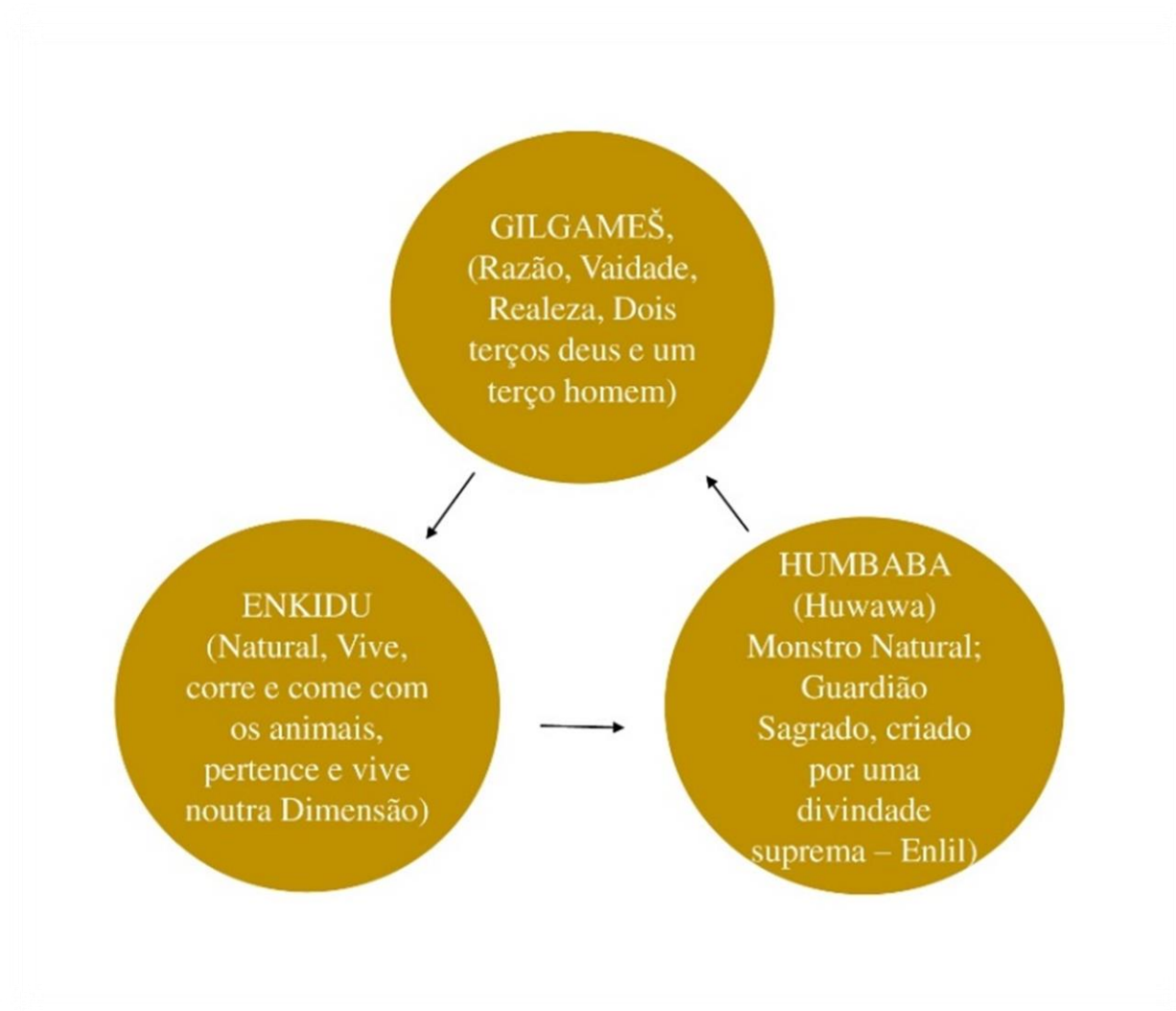
Os mitos em torno dos Gigantes “são um apelo ao heroísmo humano. O Gigante representa tudo o que o homem deve vencer para libertar e expandir a sua personalidade.”⁵⁶

Assim em forma de esquema diferenciamos os 3 elementos, sujeitos relacionais desta temática em causa:

⁵⁴ Becker, U., *The Continuum Encyclopedia of Symbols*, The continuum Publishing Company, New York, 2000, p.127.

⁵⁵ Chevalier, J., Gheerbrant A., *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, 1982, p. 353.

⁵⁶ *Ibidem*, p.353.



Enkidu⁵⁷ foi criado especificamente para rivalizar Gilgameš, de acordo com Paul J. Krause, Enkidu será a sua personagem favorita da Epopeia. Favorita no sentido da sua perspetiva mitológica. Ora por um lado temos Gilgameš, representado como a origem da própria civilização, dotado de razão, de força, de beleza, de perfeição, e por outro temos Enkidu, representado como o homem selvagem, ou o homem natural, pelo menos quando ele é apresentado⁵⁸.

⁵⁷ Leia-se «Enkidu (sum.: en.ki.dug, en.ki.dug.ga) Lit.: «Senhor do lugar aprazível» i.e., do edin(u). Ao passo que na tradição babilónica, foi criado pelos deuses como par de Gilgameš, na tradição suméria comparece predominantemente como seu servo predilecto.» Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.239.

⁵⁸ “The Epic of Gilgamesh & the Struggle for Civilization”, Lecture by Paul Joseph Krause, <https://www.youtube.com/watch?v=6YSikODYRfI>, 20 de Setembro de 2019.

Tiggay diz-nos que Enkidu foi a resposta dos deuses ao chamamento ou pedido de ajuda do povo de Uruk:

The gods' response to Uruk's outcry was to create Enkidu. This is described in three versions of the epic. The clearest description is in the late version:

«30. They (the gods) called (the mother-goddess) Aruru, the great: "You, Aruru, created [mankind]; 31. Now create . . . ; let him (Enkidu) be a ma[tch] for the storminess of his (Gilgamesh's) heart. 32. Let them rival each other (in battle), that Uruk may gain pea[ce]." 33. When Aruru heard this, a/the ... of Anu she conceived within her. 34. [A]ruru washed her hands, pinched off clay and threw it onto the steppe. 35. [On the stepp]e(?) she created Enkidu, the valiant; native/offspring of . . . , strength(?)/strengthened(?) by Ninurta. (GE I, ii, 30-35)»

1.2: Gilgameš e Enkidu: a natureza problemática de um plano ambicioso

Desde a primeira instância em que o simples pensamento, ou quando a ideia surge pela primeira vez, de se deslocarem à Floresta dos Cedros, constitui problemas, e problemas graves. Começa então todo um processo em que estruturam um plano audacioso, que, naturalmente, vai contra tudo aquilo que é inerente à ordem (natural e divina, no sentido em que os deuses assim a programaram) das coisas.

Esse pensamento ambicioso nasce em resposta à grande “falha” de Gilgameš, da sua natureza, a mortalidade. Gilgameš, como já referido aqui, é confrontado com um cadáver que flutua no rio⁵⁹. Um simples cadáver que lhe passa em frente dos olhos, trazendo

⁵⁹ Notar que também o príncipe Sidarta Gautama, tema a sua tomada de consciência, quando observa das muralhas do seu palácio, as desgraças lá fora, doença, morte, etc. “At the time of his birth, seers foretold that he would either become a great king or an enlightened teacher. If the prince were to see the “four passing sights”—old age, sickness, death, and a wandering ascetic—he would renounce his royal life and seek enlightenment.” Artigo “Prince Siddhartha: Renouncing the World”, <https://projects.iq.harvard.edu/overbey/prince-siddhartha-renouncing-world>, acessado a 20, Agosto, 2021

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

possivelmente a sensação de que tudo termina, e que nada tem importância, e que tudo, mas tudo é eventualmente esquecido, perdido, sem sentido.

«Na minha cidade, morre um homem e o coração aflige-se,

Perece um homem e o coração enche-se de dor.

Fui ao cimo da muralha e estiquei o pescoço,

o meu olhar foi cair sobre um cadáver que ia rio abaixo, flutuando nas águas:

também eu serei assim, assim mesmo serei eu!”

Nenhum homem, por alto que seja, pode alcandorar-se ao céu,

Nenhum homem, por amplo que seja, pode abraçar a montanha!

Uma vez que homem nenhum pode iludir a morte,

irei à montanha firmar o meu nome.

Onde os nomes podem ser firmados, firmarei o meu»⁶⁰

Como lidar com a questão a morte, a questão do esquecimento no tempo e no espaço, a questão da importância e do significado que temos em viver.

1.3: Gilgameš e a busca incessante por fama.

«Dois terços dele eram um deus, o outro terço dele um homem.» Esta era a descrição do monarca de Uruk. Como um herói, ou como um rei da mítica cidade de Uruk, Gilgameš tem por vontade própria uma procura incessante de se demarcar e de possibilitar que o

⁶⁰ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.63.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

eco do seu nome se sinta por milénios. Gilgameš é o fundador da civilização⁶¹, um herói com uma amplitude nos seus feitos, que dificilmente será esquecido no tempo e no espaço vindouros. Que se contem histórias, que nasçam mitos em torno de “Aquele que Descobriu a Fonte” ou “Aquele que Viu Tudo”, Gilgameš, na versão Babilónica padrão, diz a Enkidu:

*«Ó Enkidu, uma vez que nenhum homem pode escapar à morte,
irei à montanha e firmarei o meu nome.
Onde os nomes podem ser firmados, firmarei o meu,
onde os nomes não podem ser firmados, firmarei os dos deuses.»*⁶²

A busca da fama e da glória, faz parte deste processo de crescimento do herói, se assim podemos dizer. Esse grande tesouro que se busca alcançar é tudo o que se pode desejar, no percurso de um monarca como Gilgameš.

Diz-nos Paulo Mendes Pinto que Gilgameš pretende, acima de tudo, superar a sua condição humana, como humano que é. No entanto, o seu nome surge sempre acompanhado com o ideograma  (DINGIR) a estrela que representa a ideia de divindade, traduzida de forma consensual como «deus»⁶³

Segue-se, portanto, toda uma preparação para um sacrifício a Šamaš⁶⁴ (divindade solar de máxima importância), pois é a ele, que antes de atacar Humbaba solicita ajuda para que seja vitorioso nesta demanda ao qual se compromete.

⁶¹ “Epic of Gilgamesh – Sex, Civilization & Enkidu” Lecture by Paul Joseph Krausse, <https://www.youtube.com/watch?v=R3b5OhmZQds&t=50s>, Agosto de 2019.

⁶² Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.63.

⁶³ Pinto, P.M., *Do Alfa ao Ómega: Caminhos da Massificação Cultural através da Ideia do Deus que Aceita Morrer*, 2021, p. 182.

⁶⁴ Leia-se «Šamaš(sum.: Utu) Deus sol, árbitro da justiça e patrono dos viajantes. Responsável pela fortuna de Gilgameš nas suas aventuras. Centros culturais em Sippar e Larsa, cujos templos principais tinham por nome «Ebabbarra». Consorte de Aya. O título «Meu Sol» equivalia ao moderno «Majestade» e era conferido a soberanos mortais ou a deuses patronos de panteões locais.» Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.243.

*“Gilgameš tomou em mãos um cabrito branco
e como animal sacrificial ergueu ao peito um cabrito castanho.
O ceptro sagrado levantou à altura do nariz,
E interpelou Samas nos Céus:
«Ó Samas, parto para a montanha, possas tu auxiliar-me!
Parto para a montanha para cortar o cedro, possas tu auxiliar-me!»⁶⁵*

Gilgameš responde ao seu próprio chamamento de firmar o seu nome, as suas façanhas, tornando assim o seu percurso imortal, já que nenhum homem pode escapar à morte. O seu nome escapará à morte e irá ecoar por milénios.

CAPÍTULO 2: Humbaba: o seu simbolismo e representação.

2.1 Localizar Humbaba na Epopeia de Gilgameš.

Gilgameš tem uma série de 3 sonhos acerca de Humbaba (Huwawa). Desde o trabalho da psicanálise em torno dos sonhos de Freud e os seus sucessores, que se encaixam os sonhos numa ligação mais direta da mente individual, ou num espaço do subconsciente mais oblíquo de eventos mais próximos ou de eventos relacionados com o passado. Mas a verdade é que na antiguidade (e até ao séc. XIX) os sonhos pertenciam a um domínio totalmente diferente⁶⁶.

Os sonhos eram vistos como presságios de eventos ainda a acontecer, e precisamente devido a esta natureza, foram estudados como pertencentes ao campo da Adivinhação (lat. *addivinatiōne*), ou seja, o ato de adivinhar ou descobrir através da intuição ou da interpretação. Isto significa que a importância atribuída aos sonhos está plasmada na

⁶⁵ Ibidem.

⁶⁶ Black, J., Green, A., *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia, An Illustrated Dictionary*, The British Museum Press, 2004, pp. 71-72.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

epopeia do monarca de Uruk, devido aos episódios dedicados aos seus sonhos presságios, se assim podemos dizer.

Na construção do texto da epopeia, Jeremy Black (Oxford University) e Anthony Green (University of Berlin) dizem-nos, no Dicionário “*Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia*” que os sonhos de Gilgameš, e neste caso mais precisamente, têm uma função específica de servirem como portais para uma mostra do futuro, levando-nos para um tempo mais à frente na história, permitindo-nos antever o que virá, em termos de eventos.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA



Fig. 10. Representação de Humbaba, placa de Terracota, datada cerca 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA.



Fig. 11. Representação de Humbaba, placa de Terracota, datada c. 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Na versão padrão babilônica, por exemplo, há dois sonhos de Gilgameš que pressagiam a chegada de Enkidu; mais importante ainda, Gilgameš tem uma série de 3 sonhos relativos a Humbaba. Entre outros sonhos de igual importância para a história da epopeia. O campo da adivinhação é absolutamente crucial para esta realidade onde habitam heróis, monarcas compostos por percentagens de homem e de deuses, e ainda monstros e criaturas que alimentam estas aventuras, que tanto nos seduzem e as queremos trazer para as nossas vidas, para o nosso dia-a-dia até.

Humbaba quando referido são-lhe atribuídas várias fórmulas de identificação: “*a sua boca é o fogo, e tem o hálito da morte!*” “*o cruel Humbaba*”, “*Humbaba – a sua voz é a tormenta do mar*”⁶⁷. Humbaba está associado ao “mal” e isso é claro nas referências, tal como a passagem

“Pois para manter os cedros inacessíveis

*Fê-lo Enlil concorde ao terror dos homens.”*⁶⁸

2.2 A compreensão da Figura Mitológica Humbaba.

2.2.1 A Cabeça.

A figura mitológica de Humbaba (*Huwawa*) é muito rica visualmente e é dotada de uma complexidade, típica das criaturas com formas híbridas.

Sarah B. Graff na sua tese de 2012, explica-nos como a cabeça decepada de Humbaba (*Huwawa*) difere de outras imagens relacionadas com decapitação, como representação do poder sobrenatural que não se separa, mesmo após a morte. Ou seja, este poder sobrenatural não é afetado pela morte. As placas de terracota com a imagem da cabeça

⁶⁷ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.64.

⁶⁸ Ibidem.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

grotesca de Humbaba são interpretadas de forma sofisticada e multivalente pelo público da antiguidade.⁶⁹

Estas placas de terracota são representações das próprias narrativas, neste sentido, falamos de narrativas visuais de “momentos chave” da Epopeia de Gilgameš. São imagens com carácter apotropaico, exibidas e detentoras de transições, guardiãs de presságios importantes registados no passado, e mais que isso, responsáveis pelo reaparecer no presente. Leia-se *“It concludes that the terracotta plaques were interpreted in sophisticated and multivalent ways by ancient audiences: as visual narratives representing a key moment in the epic; as apotropaic images displayed to guard transitions; and as important omens recorded in the past, which had the potential to reappear in the present.”*⁷⁰

⁶⁹ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, P.131.

⁷⁰ Ibidem.



Fig. 12. Representação em terracota, da cabeça de Humbaba (Huwawa) segundo milénio AEC.



Fig. 13. Placa de Terracota de Humbaba da cidade de Ur, Iraque. Datada 2004-1595 AEC. Sulaymaniyah Museum, Iraque.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Não podemos deixar de referenciar aqui a ligação simbólica da cara de Humbaba (Huwawa) a mitologia em torno do “labirinto espiral”. O labirinto em si, representado como, uma linha espiral girando em torno de um centro; implica um duplo movimento, para dentro e para fora, às vezes puxado em espiral dupla.

As suas primeiras aparições terão surgido, muito possivelmente, aquando a revolução agrária, ou seja, conforme já aqui falado, falamos da passagem do Neolítico nómada, para o sedentarismo. Portanto a entrega do homem à terra, à agricultura, à construção do seu próprio alimento.

“Their first appearance is probably linked to the human revolutionary passage from neolithic nomadism to the settled agrarian life, a passage that forced a reappraisal of fertility, cosmic cycles, and earthly and motherly deities. Agriculture implies a fixed life and the creation of privileged loci, as well as the belief in the “resurrection” of seeds by invisible forces hidden in the earth, which is conceived as an inner fire capable of “digesting” whatever goes underground”⁷¹

Desta forma, existe uma antiga relação entre labirintos e intestinos, pela sua natureza de ser capaz de “digerir” e de transmutar, tal como as sementes colocadas na terra, são digeridas pela terra e transformadas em alimento. Falamos de um processo que possibilita a transformação, dotada de energia

⁷¹ Jones, L. (Dir.), *ENCYCLOPEDIA OF RELIGION*, Second Edition, Thomson, Gale, 2005, pp. 5276-5277.



Fig. 14. Labirintos com forma de espirais, baixo revelos de Rocky Valley, Cornualha, Inglaterra. Pensa-se pertencerem à Idade do Bronze (1800-1400 AEC).

2.2.2 O Corpo.

Diz-nos Francisco Parreira que Humbaba (Huwawa) no que respeita à sua iconografia,

*“é representado frequentemente com corpo humano, patas de leão, barba e cabelo longos, rosto formado por circunvoluções semelhantes às do intestino. Terá sido o rosto a impressionar mais vivamente a imaginação mesopotâmica: auspícios preservados pressupõem a sua efígie como padrão interpretativo de entranhas de animais e outros signos divinatórios.”*⁷²

E explica-nos, que a tradição de Humbaba (Huwawa) terá sobrevivido à morte do cuneiforme, uma vez que ele surge em tradições aramaicas (*hwbbbs*) e persas (*hwb 'bys*) que se transfigura em gigante, e afirma que está também presente na literatura islâmica, *Hummamah*, a forma do espírito das trevas maniqueu.⁷³

⁷² Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMESH*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.240.

⁷³ Ibidem.



Fig. 15

Representação em terracota, pensa-se de Humbaba (Huwawa) de corpo inteiro, segundo milénio AEC.

2.2.3 As Patas Dianteiras.

As patas dianteiras são de leão, e não podemos deixar de relacionar a questão da importância, como também, a simbologia em torno do “Leão” nestas tradições, e o que ele representa.

São famosos os baixos-relevos da caçada, do último grande rei assírio, Assurbanipal (669-631 AEC)⁷⁴ que melhor testemunham, a nosso ver, a simbologia de um rei, pois as caçadas eram exclusivas (havia uma lei que determinava a caça dos leões exclusivamente ao rei) à realeza, naturalmente, e a demonstração de poder ao caçar um leão. Pensa-se haver uma relação ritual, divina, religiosa em torno desta ação.

Leão como uma força da natureza, pois estamos perante predadores que se encontram no topo da cadeia alimentar. Um animal deste porte, com as características de uma força, capaz de matar um ser humano, com muita facilidade.

Estes baixos-relevos em especial mostram uma cena dramática do rei Assurbanipal, e foram esculpidos, na época mais alta da sua civilização. Os baixos-relevos do rei Assurbanipal, especificamente encontravam-se no palácio da cidade de Nínive. Mas eram comuns os baixos-relevos, com estas cenas dramáticas nos palácios assírios. Estes baixos-relevos com a caçada de leões, são, conforme dissemos acima, demonstrações de poder do rei.

É importante perceber a simbologia em torno do leão: eram animais nativos da Mesopotâmia, e tratavam-se de uma espécie ligeiramente mais pequena, que os leões atuais. Esta espécie, por sinal, está hoje em dia extinta. Os leões seriam símbolos da violência da natureza, e o rei ter a capacidade de os matar, já era por si, um ato simbólico importante. Pois este ato, fala claramente de um rei capaz de manter a natureza à distância, ou seja, no seu lugar, dominada, domesticada se assim podemos dizer. E mais que isso, fala de um rei capaz de manter a sua cidade em segurança.⁷⁵

⁷⁴ Hoje podem ser apreciados no British Museum, datados cerca 645-635 AEC.

⁷⁵ Conferência Smarthistory “Ashurbanipal Hunting Lions, gypsum hall relief from the North Palace, Ninevah, c. 645-635 B.C.E., excavated by H. Rassam beginning in 1853 (British Museum)”, Dr. Steven Zucker and Dr. Beth Harris, 8 de Agosto de 2013 (<https://www.youtube.com/watch?v=J5iEY4hapMQ>)

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

O próprio rei é representado com um tamanho maior, em relação aos seus súbditos. As representações dos leões, em si, distinguem claramente, a divisão entre “homem” e “natureza” ou o que é selvagem.

No entanto esta caçada em específico, acontece dentro de uma arena, é uma caçada fabricada, controlada, ela não acontece num espaço natural. Tudo isto representa a autoridade e o poder que o rei tem sobre a natureza.

As patas dianteiras de Leão estão fortemente carregadas de simbologia, como seria de esperar.

Não podemos deixar de fazer referência, também, à famosa a Porta dos Leões (ou leões) na mítica cidade de Micenas, Grécia. Datadas cerca de 1300-1250 AEC, situada à entrada da cidade, naturalmente, carregadas de simbologia, e pensa-se que, tal como Humbaba (Huwawa) representariam a defesa, possibilitando a segurança da cidade, contra qualquer mal que tendesse a surgir.

Falemos também das Portas de Ištar e da via processional, da antiga cidade da Babilónia, datadas cerca de 575 BCE. A via processional com representações de leões virados para a porta da cidade (ou uma das portas da cidade), representados com expressões ameaçadoras, mas que testemunham o orgulho, o poder inerente aquela cidade, sob o domínio do rei Nabucodonosor. Os leões nesta via processional estão associados a Ištar. Diz-nos Beth Harris que a forma como os leões estão colocados e representados, ao longo da via, demonstram, mais uma vez o domínio do rei (do Homem) sobre a natureza, eles estão dominados, o seu comportamento é controlado⁷⁶. Há, portanto, uma representação de ordem sobre o caos, o domínio do que é selvagem pelo homem.

De notar que a iconografia do “trono” em muito se articula com a figura dos felinos; por exemplo, é muito significativo o uso de cabeças de leão ou leoa nos braços de tronos. Encontramos desde Çatalhöyük⁷⁷ até aos mais recentes “tronos”, passando por Augusto ou Napoleão. O trono, como lugar de afirmação do poder régio, não dispensar esse ser que nos remete para o uso domesticado. O Rei faz essa ligação, o rei é aquele que domina e encarna o que o leão representa.

⁷⁶ Conferência Smarthistory “Reconstruction of the Ishtar Gate and Processional Way, Babylon, c. 575 B.C.E., glazed mud brick (Pergamon Museum, Berlin)”, Dr. Steven Zucker and Dr. Beth Harris, 8 de Abril de 2012 (<https://www.youtube.com/watch?v=U2iZ83oIZH0>)

⁷⁷ Assentamento neolítico de grandes dimensões, datado de c. 6700 AEC, testemunha um estágio cultural rebuscado, no sudoeste da Turquia.

2.2.4 As Patas Traseiras.

As patas traseiras são de ave de rapina, diz-nos Paulo Krause, que deveria remeter-nos à ideia de “besta” ou de um predador no topo da cadeia alimentar, no que respeita ao espaço aéreo, fazendo-nos confrontar os nossos medos primordiais, lembrando-nos dos tempos paleolíticos, onde o homem, estaria facilmente, à mercê, como presa destes animais selvagens. Pois partilhavam inevitavelmente o mesmo espaço, a mesma “casa”.

Foi precisamente após a Revolução Neolítica, aquando a domesticação das plantas, e consecutivamente a domesticação dos animais para seu proveito, que a postura perante estes medos primordiais, teriam atenuado. Serem detentores de controlo, de poder perante a terra, e perante a natureza, e ainda, poder do que é selvagem (o que é desconhecido e fora de controlo do seu domínio), possibilitou uma transformação de grande escala, no percurso da história da Humanidade.

Mais uma vez, esta personagem era composta por partes de elementos que em tudo, devido à carga simbólica, despoletavam na mente humana os medos mais antigos, mais obscuros que herdámos na nossa memória coletiva.

CAPÍTULO 3: A mitologia por trás de Humbaba.

Foram lidas várias entradas de dicionários e enciclopédias de Símbolos, em busca de alguns dos elementos caracterizantes, ou que normalmente definem Humbaba (*Huwawa*), tais como: «monstro», «gigante», «guardião», «Humban», «tesouro», ou «híbrido», o nosso objetivo foi encontrar as definições o mais sintetizadas possível.

O conceito em torno de «Monstro», por exemplo, diz-nos que simboliza o guardião de um tesouro, e esse tesouro poderá ser o da imortalidade. Mas para alcançar tamanho tesouro deverá o herói, por exemplo, superar as dificuldades, ou desafios, ou os obstáculos que lhe forem colocados à frente. Após a sua superação ou sobrevivência, alcança-se a

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

vitória, o tesouro, a imortalidade, a fama que irá ecoar por milhares de anos. O tesouro poderá ser material, biológico ou espiritual⁷⁸

Ora as definições em torno do arquétipo de monstro vão ao encontro das características do nosso objeto de estudo, pois «monstro» define-se como um guardião de algo precioso, de algo que tem que ser conquistado, com esforço e, permite ao sujeito (seja ele um herói, rei ou semideus), superar-se a si mesmo, tendo como resultado dessa passagem um eu superior e fama que perdurará por milénios.

O «monstro» está intimamente associado ao sagrado, segundo Jean Chevalier e Alain Gheerbrant: “Enquanto guardião do tesouro, o monstro é também sinal do sagrado.”⁷⁹. Ele, o «monstro», personifica o domínio do medo, provoca o esforço e a ação de o combater através do heroísmo, a quem o vai desafiar. O «monstro» é essencial nesta passagem, quase como um ritual de iniciação, ou uma espécie de descida aos infernos?

Jeffrey H. Tigay sintetiza Humbaba como “superhuman guardian of the Cedar Forest in the West.”⁸⁰ Isto é, um super humano, não só um monstro, não só um ser em que nada se aproxima do homem. No entanto no que respeita às suas descrições físicas, as versões são variadas.

O facto é que Humbaba guarda e protege algo de muito precioso, guarda um local, que por si só é sagrado.

Diz-nos Paulo Mendes Pinto, sobre a Floresta dos Cedros:

*“É assim o local. Uma floresta que se pode caracterizar da seguinte forma: 1. distante; 2. guardada por um monstro que... cheira a morte. Mais, a jornada é distante, é uma aventura de resistência.”*⁸¹

⁷⁸ Chevalier, J., Gheerbrant A., *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, 1982, p. 455-456.

⁷⁹ Chevalier, J., Gheerbrant A., *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, 1982, p. 455.

⁸⁰ *Ibidem*, p. 455

⁸¹ Pinto, P.M., *Do Alfa ao Ómega: Caminhos da Massificação Cultural através da Ideia do Deus que Aceita Morrer*, 2021, p. 195.

HUMBABA (*HUWAWA*), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

E este local, segundo ele, alberga Humbaba que é um “misto de ser e de local” como já referimos acima. O guardião que é dotado de uma missão, a missão dada por Enlil, e com a função de guardar e preservar os Cedros daquele espaço.



Fig. 16. Representação de Humbaba, placa de cerâmica, datada cerca 2000-1600 AEC, Babilónia, Met Museum, EUA.

3.1 O criador de Humbaba: o deus Elil (*Enlil*).

Não podemos falar de Elil (*Enlil*, *cuneiforme* ✱, 𒂗𒍪) sem mergulharmos, em primeiro lugar no mito, ou nos mitos, onde surge esta divindade, ou trazer algum contexto, para que a possamos compreender, e possamos apreender o seu desígnio. Ora Elil está presente, nos mitos de criação, provenientes da série de sete tabuinhas da biblioteca de Assurbanipal, da cidade de Nínive, séc. VII a.C.

Ora trazendo a importância do elemento água, sendo este, um elemento primordial, apresenta-se de duas formas: a água doce (*Apsu*) e a água salgada (*Tiamat*). Onde uma vez unidas, transformam-se num grande caldo aquoso de onde resultam todos os seres, a começar pelos próprios deuses⁸².

*Apsu*⁸³ é uma espécie de abismo que rodeia a terra, é a divindade que delimita o espaço e o tempo na terra, é masculino, é Pai, é o amante e companheiro de *Tiamat*. Era *Apsu* que possibilitava e de onde provinham as fontes existentes na superfície do solo, ou seja, era *Apsu* o responsável deste elemento. *Tiamat* (ou *Tamtu*), «Mar» é a água salgada que foi personificada pelos sumérios, como uma deusa primordial, serpentiforme, ou seja, além de personificar o mar, a água salgada, ou melhor, as águas tumultuosas (porque é a que está inerente ao comportamento físico o mar, do oceano). Diz-nos Francisco Parreira que no criacionismo babilónico, *Tiamat* ao ser morta por *Marduk*, possibilita toda a cadeia de criação.⁸⁴

Ora, o mundo dos deuses, na mitologia assírio-babilónica, tem uma primeira fase onde os deuses se misturam com as forças criadoras inerentes à natureza, confundiam-se, não havia uma definição concreta, inclusive o sexo era indeterminado, por vezes a mesma divindade reunia os dois sexos, como o caso de *Elil* que surge como «pai e mãe que ele mesmo cria»⁸⁵. *Elil* surge como «o boi todo poderoso», quando numa fase em que deram formas de animais aos deuses, só depois foram adornados com a forma humana, com

⁸² Guirand, F. (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006, pp. 104-105.

⁸³ Veja-se: "The Akkadian noun *apsu* is an loanword from Sum **abzu** (=ZU – AB) or **ab.zu**, "subterranean waters" (...) The *Apsu* was the realm and the home of Enki/Ea, the god of wisdom. (...) In *Enuma Elish* *Apsu* appears as a god acting in a primeval drama. He was the lover and husband of *Tiamat* (...)", Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 300-301.

⁸⁴ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMESH*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p.244.

⁸⁵ Guirand, F. (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006, p. 109

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

barbas, cabelos longos, no caso das divindades masculinas com o cabelo apanhado num puxo, e no caso das divindades femininas, por norma, com os cabelos encaracolados soltos. Até no que respeita às indumentárias, elas são específicas, acrescentando toucados com chifres e plumas.

O que os separa totalmente da humanidade é, naturalmente, a sua condição de imortais e, claro, pertencerem sempre a outra dimensão. Uma dimensão, no fundo, preparada e caracterizada com as necessidades destas divindades. Claro que estas divindades estariam mais próximas dos humanos no sentido em que também sofriam, amavam, constituíam família.

No que respeita aos grandes deuses desta mitologia, Elil é uma das divindades supremas. No território da Suméria, em particular na cidade de Nippur Elil teria sido adorado, e o seu local por excelência de adoração ou oração era Ekur (𒂍 𒀭), o seu templo. Mais tarde, foi substituído por Bel (Marduk)⁸⁶, associado aos acontecimentos no campo terrestre. Elil é o senhor do ar e da atmosfera, o deus da tempestade, das intempéries. A sua arma, o *amaru*, ou seja, o dilúvio. Pensa-se que esta divindade tenha assimilado a importância e as funcionalidades do deus An, deus do céu, na passagem do 4º para o 3º milénio AEC⁸⁷. Enlil é o «pai dos deuses», o «rei do céu e da terra», o «rei de todos os países». Enlil é a divindade a quem tudo de positivo se deve, nomeadamente a fertilidade, o sucesso da agricultura, o próprio nascer do sol.⁸⁸

*“Enlil, de quem a ordens alcançam a distância,
de quem a palavra é santa,
o senhor cuja decisão é imutável,
que decreta para sempre os destinos,
cujos olhos erguidos percorrem as terras,
cujas luz perscruta o coração de todas as terras,*

⁸⁶ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 169,543-549.

⁸⁷ Pinto, Paulo Mendes (Coord. Cient.), *Religiões - História, Textos e Tradições*, Religare, Paulina, 2006, Lisboa, p. 785.

⁸⁸ Ibidem.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

*Enlil, que está sentado com sobre o altar branco,
sobre p altar sublime,
que consuma os decretos da força, da realeza, da soberania.
Perante o qual se inclinam, temerosos, os deuses da Terra,
perante o qual se humilham os deuses do Céu. (...) ”⁸⁹*

É Elil (*Enlil*) quem decreta o dilúvio, que até faz as divindades tremerem. E é Adad que executa o dilúvio por vontade de Elil (*Enlil*)⁹⁰.

*“Quando a aurora brilhou,
Do fundamento dos céus subiu uma noite negra,
Nela Adad bramia!
Nabû e o Rei avançam;
Nergal arranca o mastro.
Ninib vai, manda avançar o ataque;
Os Anunnaki trouxeram as tochas,
Com o seu brilho cingem o país.
O tumulto de Adad alcança os céus,
Tudo o que é brilhante transforma-se em trevas.”⁹¹*

Mesmo com a adaptação posterior na religião da Babilónia, Elil foi como que salvaguardado, jamais esquecido e, desta forma, colocaram-no como segundo elemento

⁸⁹ Pinto, Paulo Mendes (Coord. Cient.), *Religiões - História, Textos e Tradições*, Religare, Paulina, 2006, Lisboa, p. 786.

⁹⁰ Guirand, F. (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006, p.127.

⁹¹ *Ibidem*, pp. 127-128.

da tríade suprema. Foi naturalmente renomeado como Bel, que significa «senhor», um senhor por excelência, soberano e detentor dos destinos da humanidade.

Elil foi, no entanto, sofrendo alterações pois ao ser tornado «senhor» ou melhor ao ser tornado *baal*⁹², no domínio terrestre, ou se quiserem, na dimensão terrestre, o domínio das tempestades e intempéries foram conferidas posteriormente a Adad⁹³.

Elil é o criador de Humbaba, é ele quem lhe designa a missão de guardião da Floresta dos Cedros. Portanto, ele é criado com um desígnio. E, naturalmente, que após a sua morte Elil fica enraivecido, distribuindo sete pedaços da aura de Humbaba.

3.2 Humbaba, o terrível, ou um guardião incompreendido?

No que respeita à simbologia em torno do Ogre, propriamente dito: ele é equiparado aos Gigantes, aos Titãs a Cronos⁹⁴. Mais uma vez está intimamente ligado à força cega e devoradora, consumidora. É também associado ao conceito de «Monstro».

Andrew George fala-nos nas placas de terracota com a forma da cabeça de Humbaba e sugere que talvez fossem usadas como amuletos de proteção contra o “mau olhar”. Se assim for, aqui temos um salto tremendo de um «monstro» sagrado protetor, pertencente a uma outra dimensão, em nada semelhante à dimensão dos humanos. Temos aqui um salto quase que podemos dizer, um salto da dimensão dos deuses para a dimensão dos Homens, ou seja, Humbaba pertence aos Homens. Portanto um «monstro» de sua origem, mas que agora se encontra ao serviço do Homem, ao serviço dos que o aniquilaram, ou seja, o «monstro» é agora o protetor dos males e dos infortúnios do Homem. É com ele que contam, é dele que dependem face aos medos dos malefícios da vida.

Humban é também o equivalente a Anu (cujo nome significa precisamente «Céu») na mitologia Suméria, é filho de Anshar (o princípio masculino; o mundo celeste) e Kishar (o princípio feminino; o mundo terrestre)⁹⁵, e tem como seu reino os espaços celestes, é o deus supremo. É a Anu que as divindades recorrem para pedir proteção, para se

⁹² Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, pp. 132-139.

⁹³ Ibidem pp.123-124.

⁹⁴ Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999, p.105

⁹⁵ Guirand, F. (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006, pp. 104-105.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

lamentarem, para pedirem vingança, como o caso da deusa Ištar, que pede a Anu que lance um «touro celeste» contra o herói Gilgameš, após ter sido rejeitada e desrespeitada por ele⁹⁶.

Humban surge em textos mesopotâmicos, tal como outras divindades elamitas, como por exemplo na série de encantamentos conhecida como, Šurpu (Šurpu II – 163)⁹⁷, textos que expressam medidas de resolução perante os males da vida: infortúnio, doenças, ofensas, entre outros. Estes textos seriam uma espécie de guião, de como saber, superar esses desafios ditos maléficos, que tanto transtorno poderiam causar.

Voltando à questão da essência protetora, a primeira vez que alguém aborda a figura de Humbaba (Huwawa) como protetor é Thureau-Dangin, em 1925⁹⁸, quando escreve sobre ele observando a disparidade da descrição assustadora deste guardião e as representações visuais desse tal monstro terrível, guardião gigante; diz mesmo que a sua imagem é “mais grotesca que terrível”, e a sua conclusão ou, pelo menos, teoria é que ele terá sentido este moldar de imagem descrita e imagem efetivamente visual, porque foi conquistado. Porque foi moldado, vergado, domesticado, pelo Homem (mesmo que Gilgameš). Há claramente uma ligação à Humanidade, portanto Gilgameš enquanto representação da conquista da Humanidade sobre a Natureza, e conquista sobre o que outrora foi predador.

⁹⁶ Ibidem, pp. 110-111.

⁹⁷ Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999, p.433.

⁹⁸ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, p.5-7.

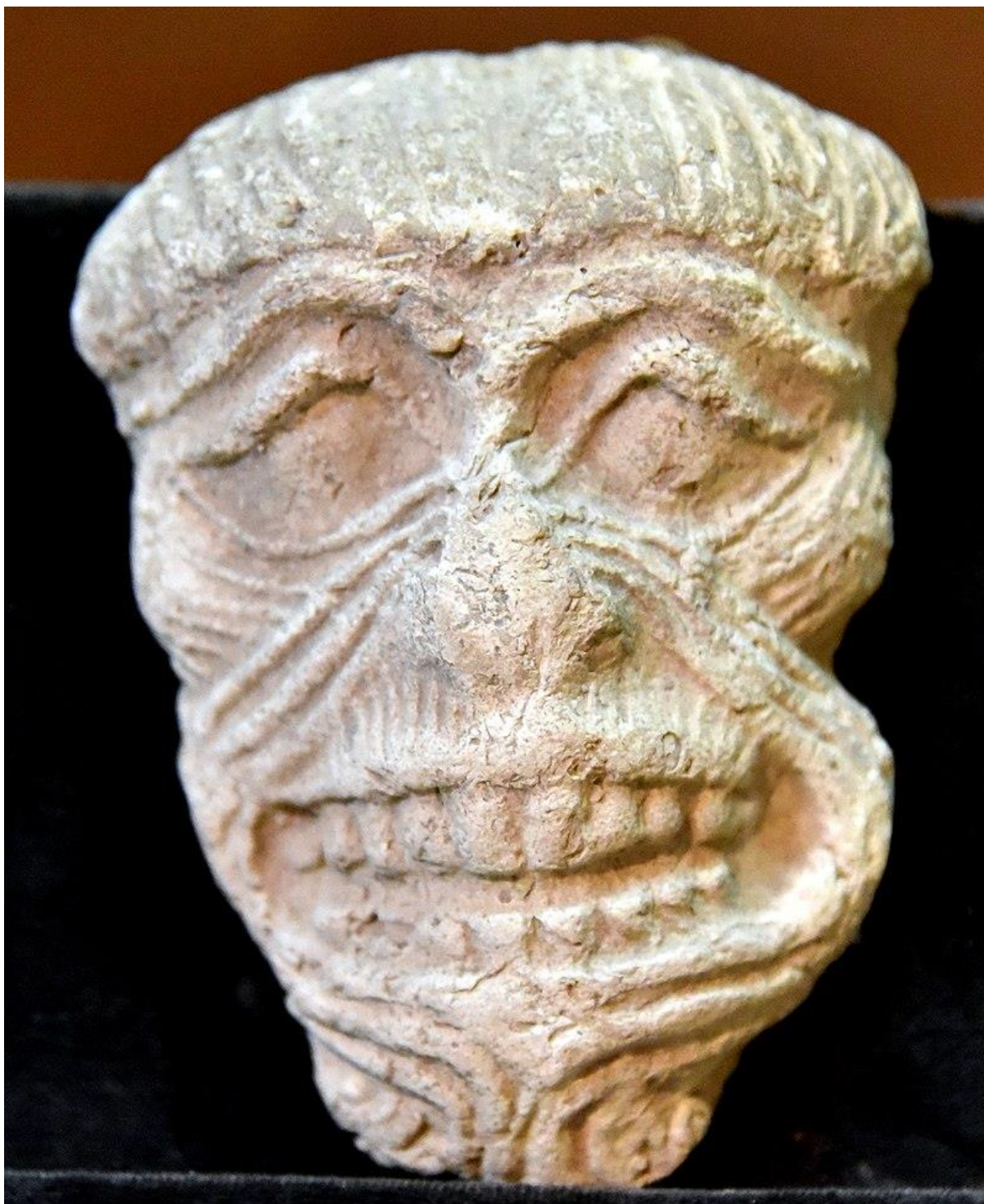


Fig. 17. Máscara de Terracota de Humbaba da cidade de Ur, Iraque. 2004-1595 AEC, Sulaymaniyah Museum, Iraque.

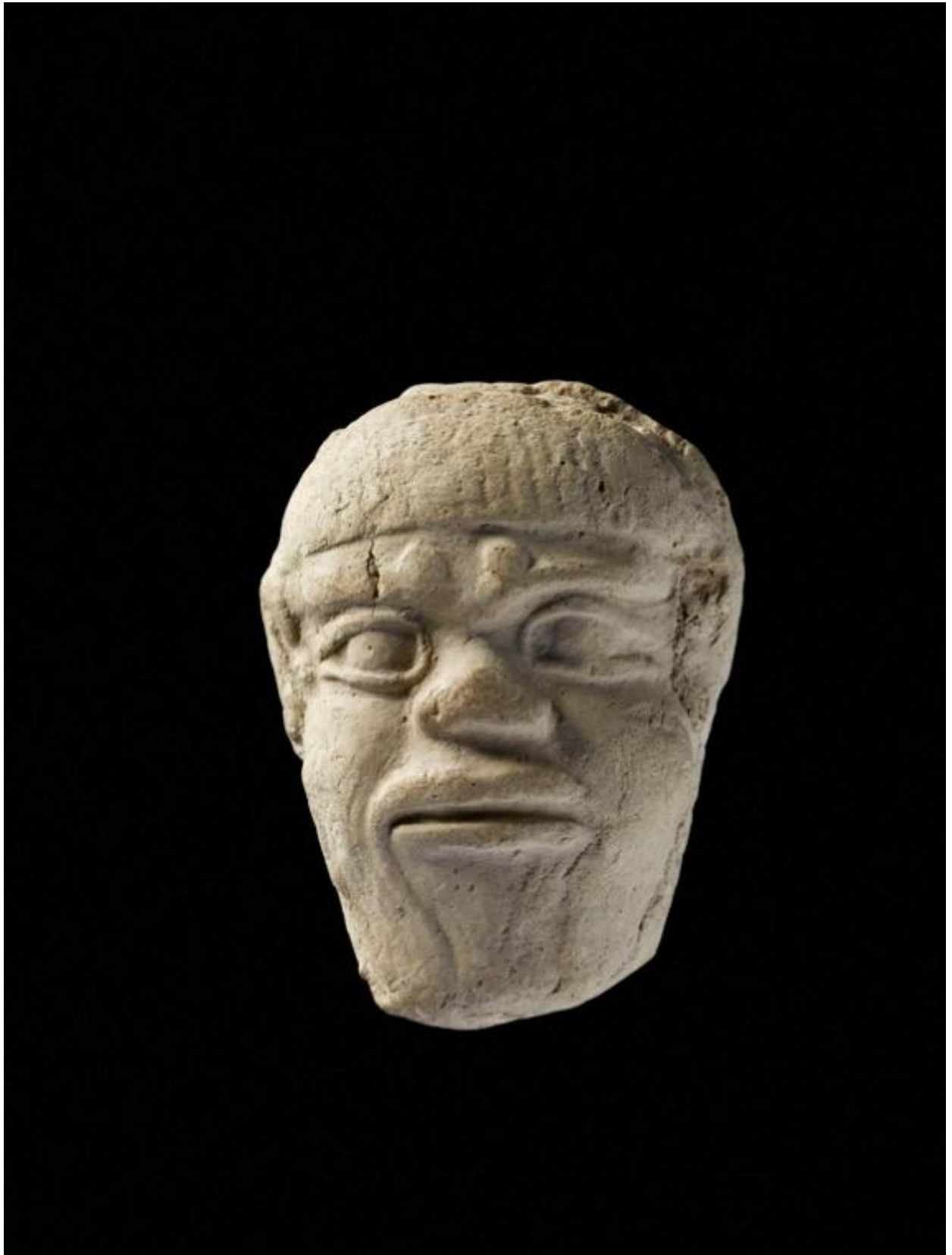


Fig.18. Cabeça de Humbaba (Huwawa) em terracota. Museu do Louvre, Paris, França.

3.3 Tabuinha V: a Luta de Gilgameš e Enkidu contra Humbaba.

É na tabuinha V⁹⁹ que encontramos a luta de Gilgameš e Enkidu contra Humbaba (*Huwawa*). Um dos momentos altos da narrativa, sem dúvida alguma. No entanto, importa referir ou relembrar que existem várias histórias em torno deste combate épico entre Gilgameš, Enkidu e Humbaba (*Huwawa*), que assumem várias formas e variam no tempo e no espaço.

Este episódio que aqui tratamos existe, pelo menos, em duas versões sumérias, outras duas versões em acádico, o texto codificado inerente à biblioteca de Assurbanipal, e a versão padrão babilónica. Independentemente das várias roupagens do mesmo episódio, diz-nos Sarah B. Graff, que é evidente a importância desta luta, para ser recontada e escrita e debruçada vezes e vezes sem conta, adaptando-se aos diferentes tempos e diferentes contextos¹⁰⁰.

⁹⁹ Tabuinha V - datada do período antigo da Babilónia, (c. 1894- c. 1595 AEC), descoberta na antiga cidade de Nínive, e agora exposta no Museu Sulaymaniyah, no Iraque.

¹⁰⁰ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, p.73.



Fig. 19. Tabuinha V da Epopeia de Gilgameš, Sulaymaniyah Museum, Iraqi Kurdistan, Curdistão. Fotografia © Osama S.M. Amin.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Ora conta-nos a narrativa, inscrita na tabuinha, que Gilgameš e Enkidu chegam, finalmente, à Floresta dos Cedros, depois de um percurso longínquo e penoso, descrevem-no como um caminho de cerca de vinte mil horas de marcha, até chegarem efetivamente ao local sagrado.

Portanto, Gilgameš e Enkidu alcançam o espaço interdito e pertencente a uma outra dimensão, conforme falado anteriormente, e admiram a surpreendente natureza que os assombra pela sua dimensão, pela sua essência pura, natural, sagrada, morada dos deuses, e não dos homens.

Gilgameš ou também referido como “Aquele que Descobriu a Fonte” ou “Aquele que Viu Tudo”, é invadido pelos seus sentimentos de terror e de fraqueza:

“De passo que o cedro *espessava* as suas sombras
[assim o terror] invadia Gilgameš.
[Um torpor] apoderou-se dos seus braços,
uma fraqueza assolou-lhe as pernas.”¹⁰¹

Porque terá o herói deixado invadir-se por dúvidas e medos? Teria tido ele noção do tamanho desafio aos próprios deuses, adivinhando a possível vingança ou maldição que inevitavelmente cairia sobre si mesmo e sobre o seu muito querido companheiro?

Enkidu apaixonadamente encoraja Gilgameš a avançar pela Floresta a dentro com toda a garra, com a alma em pleno entregue àquele momento que aí vem.

Ora, Enkidu tem um papel fundamental neste episódio, pois é ele que ao longo deste momento épico e mítico vai “alimentando” Gilgameš com coragem, numa constante e energética dramatização, e de vívidos conselhos para que o monarca de Uruk não vacile em momento algum. A tendência de Gilgameš é precisamente vacilar, colocando-se sempre em conflito consigo mesmo, onde se pergunta numa persistente ansiedade, porque é dominado pelo medo e terror. Pergunta-se porque a fraqueza lhe assola constantemente as pernas, o conflito no fundo, pelo medo da morte, naturalmente.

¹⁰¹ Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, pp.87-88.

“Enkidu abriu a boca para falar, dizendo a Gilgameš:
«[Avancemos] até a meio da floresta,
e soltemos então o grito [de batalha]!»
[Gilgameš] abriu a boca para falar, dizendo a Enkidu:
«[Porque razão,] meu amigo, me tremem as pernas como a um cobarde
e um torpor me paralisa os braços?»

Temos aqui uma primeira fase em torno deste tormento pessoal de Gilgameš, este vacilar, este medo da morte aparente. Medo de falhar a sua missão, talvez? São alguns os momentos, em que observamos Gilgameš entrar num estado frágil, com um medo desmesurado, revelando-se quase que como criança. Mas rapidamente regressa ao seu estado de “adulto” de monarca, de guerreiro aquando inspirado e influenciado pelos que o acompanham, e neste caso Enkidu:

“Esquece a morte, procura a vida!”¹⁰²

¹⁰² Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMEŠ*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017, p. 88.



Fig. 20 Representação em terracota da luta de Gilgameš e Enkidu contra Humbaba (Huwawa) na Floresta dos Cedros, datada do séc. 19-17 AEC. Localizada no Museu do Médio Oriente Antigo (Vorderasiatisches Museum), Berlim, Alemanha.

3.4 A morte de Humbaba e a sua dimensão.

A morte de Humbaba (Huwawa) foi para nós um brotar de inspirações, no sentido em que do seu estudo e envolvimento, resultou a criação de temas musicais, e por sua vez nasce assim o 3º álbum de originais do nosso projeto musical UDJAT Ensemble (Sintra)¹⁰³ intitulado “Writings of an Ancient King” (2021) e cujo trabalho foi totalmente dedicado à Epopeia de Gilgamesh. O álbum consiste em temas musicais dedicados a episódios e momentos específicos da Epopeia.

Temas como: “Realm of a Lost King” -onde assumimos um início de uma enorme aventura, um prenúncio a momentos épicos; “Gilgamesh Expedition” onde contaram com a participação especial de Pedro Jóia, este tema foi selecionado para ser o single, e contamos a expedição de Gilgamesh em torno da busca da imortalidade; “Gilgamesh & Enkidu”- testemunha a ligação, a irmandade, o amor e a relação de Gilgamesh com Enkidu; “Humbaba’s Fall” – tema este inspirado na morte de Humbaba e no que ela representa, e um dos nossos temas favoritos, se nos permitirem a confidencia; “Ishtar’s Proposal” – que nos fala sobre a proposta e sedução da deusa Ishtar para com o monarca de Uruk e por sua vez a resposta; “Enkidu is Dead” – tema que nos transporta à morte e ao luto de Gilgamesh; e finalmente “At The Edge of the World” – que testemunha os feitos deste Rei, deste Semideus que por tanto passou, que tanto conquistou e desafiou, e que nunca será esquecido pelo seu povo.

Ora voltando ao nosso objeto, com novamente com a visão académica, Paul J. Krause explora a questão da conquista da Floresta dos Cedros com a Revolução Neolítica e o conceito de “man maker” (homo faber). Fala especificamente na transição massiva de

¹⁰³ UDJAT Ensemble (Sintra) nasce em 2015 e é composto por Sofia Sousa Claro (Composição, Voz, pequenas percussões), Hugo Claro (Composição, Guitarra Portuguesa, Bandolim, Vozes) e trabalha com artistas convidados, tais como: Pedro Jóia (Guitarra Clássica), Sérgio Figueira (Guitarra Clássica), Jorge Cunha Machado (Percussão, Canto Harmónico), Baltazar Molina (Percussões), Inês Pereira (Piano, Synths), entre outros. É um World Music (Músicas do Mundo) ensemble inspirado nas heranças musicais mediterrânicas, com um repertório em que identificamos as raízes ibéricas e orientais, mas também a herança judaica. A mitologia e história antiga alimentou e possibilitou a criação de álbuns originais, tais como “Writings of an Ancient King” lançado em 2021, A sua música, onde a voz coabita com a guitarra portuguesa e a percussão, evoca sonoridades ancestrais com uma abordagem contemporânea.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

caçadores-coletores e, naturalmente, de nómadas, para sedentários. Esta Revolução possibilitou adquirir através da experimentação e da observação, o conhecimento do trabalhar a terra, o tirar proveito dela, obtendo assim alimento, o domesticar as plantas, resultando no nascimento da Agricultura.

Paul J. Krause considera que a vitória de Gilgameš e Enkidu sobre Humbaba (Huwawa) é de facto a vitória do Homem sobre a terra, a natureza e consecutivamente a domesticação das plantas e dos animais. Pois esses animais em tempos primordiais seriam na sua esmagadora maioria predadores ferozes dos humanos.

Humbaba (Huwawa) morre, logo esse perigo primordial dos humanos é como se fosse simbolicamente aniquilado, possibilitando assim um ponto de viragem, no que respeita, a ideia de Natureza (selvagem) ao Homem? O que morre afinal? O que se perde? O que é terminado de forma abrupta e ilegítima e quais as consequências desse ato?

Por outro lado, não podemos deixar de questionar: o que se ganhou com a conquista de Humbaba (Huwawa)? Quem é Gilgameš no antes e no após Humbaba (Huwawa)?

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA



Fig. 21 Representação de Gilgameš, Humbaba e Enkidu ilustrando a épica luta onde resulta na morte de Humbaba. Séc. 10 – 9 AEC, The Walters Art Museum, EUA.

Ora, comecemos pela Revolução Neolítica, também designada pela Transição Demográfica Neolítica. Uma das transições mais importantes nas populações humanas, a transição de nómadas para uma nova vida de agrícola e sedentarismo, em grande escala. Ou seja, esta nova forma de vida, possibilitou às comunidades humanas a observação do comportamento das plantas, dos ciclos, possibilitando, por sua vez a domesticação das plantas, a compreensão de que com o seu cuidado contínuo seria possível produzir alimento a longo prazo. Aqui é interessante voltar à questão da simbologia em torno do “Labirinto Espiral” e à associação da semente que se coloca na terra, e que devido a uma força invisível ela transmuta, ela possibilita e garante o alimento, dando ao Homem agora uma nova fase, o sedentarismo.

3.5 As especulações em torno de Humbaba.

Podemos, no seguimento do que foi descrito até aqui, sintetizar algumas especulações em torno de Humbaba: desde guardião monstruoso, ou aquele cujo hálito é morte, a sua associação a tudo o que é “mal” e perigo eminente ao Homem, Humbaba é tudo menos parceiro do Homem.

No entanto, dá-se um salto impressionante, no que respeita à sua simbologia e Humbaba é mais tarde dotado de proteção e cuidado do Homem. Está ele subjugado ao Homem de tal forma, que agora depois de morto, por Gilgameš e Enkidu, Humbaba está agora no domínio e em total servitude perante a Humanidade?

Agora é o Homem que conta com a sua proteção, contra as maleitas da vida, como se de um espaço sagrado se tratassem. Pois Humbaba era guardião e defensor de um espaço sagrado, especial. É colocado o Homem nessa mesma qualidade? Portanto Humbaba continua com a sua “missão” mesmo depois de morto. Em vida tem a função de proteger, guardar, preservar a Floresta dos Cedros, aquele espaço divino, e agora, depois de conquistado e dominado pelo Homem, tem a função de o guardar e preservar contra os males que possam surgir ao longo da vida. Humbaba é usado como amuleto, a sua cara, mais especificamente. A sua cara que simbolicamente está ligada às questões divinatórias.

CONCLUSÃO

Humbaba tem, sem dúvida, o estatuto de figura com carácter apotropaico¹⁰⁴ cujo significado é precisamente a capacidade de afastar os males, as doenças, os malefícios de um determinado lugar, espaço, ou até pessoa, se esta tiver consigo, ou se acompanhar de uma imagem com estas características. Mas Humbaba para nós, é e será sempre muito mais, representar-se-á como aquele que defendia a natureza, o que defendia o mundo natural, o mundo inocente aos movimentos do Homem.

Humbaba teve a sua origem no sul da Mesopotâmia, mas espalhou-se por milénios e culturas, influenciando-as e permanecendo até hoje. Nos dias atuais porque não comprar uma peça de roupa com a representação de Humbaba? Quantos jogos e Bandas Desenhadas¹⁰⁵ não colocam Humbaba como uma personagem, que nos alimenta o imaginário, que nos aterroriza ainda, mas cujo fascínio em torno deste objeto ainda não nos deixou.

Humbaba quer seja protetor da Humanidade, quer seja o eterno monstro guardião de espaços sagrados, perdurou tal como Gilgameš perdurou, nas suas façanhas, nas suas conquistas. Humbaba milénios depois sobrevive e subsiste no nosso imaginário.¹⁰⁶

Diz-nos Sarah Graff, que Humbaba pertence ao mundo da adivinhação, pertence à tradição divinatória, no sentido em que tem um papel importante a esta ciência mística, leia-se:

“While it is possible to imagine circumstances in which a

¹⁰⁴ Diz-nos o Dicionário que apotropaico é um adjetivo, o que diz respeito a apotropismo, que tem o poder de evitar malefícios ou desgraças, diz-se de deuses que podiam evitar desgraças outrora, diz-se de animal que foi imolado em honra destes deuses. - Porto Editora – *apotropaico* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-05-04 15:58:26]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/apotropaico>.

¹⁰⁵ Veja-se em https://www.google.com/search?q=humbaba&client=firefox-b-d&sxsrf=ALiCzsbXfWtyNQyEyiR_cgOnJGnTmD9rFA:1663681970887&source=lnms&tbm=isch&sa=X&ved=2ahUKEwiMgZOnwqP6AhUqxYUKHcqkBUwQ_AUoAXoECAIQAw&biw=1366&bih=635&dpr=1

¹⁰⁶ Relembrando a ligação pessoal, apresentada nas primeiras linhas deste trabalho, acreditamos, não ser, uma mera coincidência, o tema original de UDJAT Ensemble “Humbaba’s Fall” ser dos mais aclamados nos concertos ao vivo, precisamente porque há um lamento à sua morte, ao seu desaparecimento após a épica luta com Gilgameš e Enkidu, e o público sente e vibra.

person could resemble Humbaba, perhaps with an especially hairy or wrinkly face with large features, it is unlikely that the colon of a sheep ever really resembled Humbaba's face, and equally unlikely that a ewe could give birth to a lion with the face of Humbaba. Instead, these omens represent a process of intellectual exploration on the part of the diviners. Humbaba belonged to the ranks of the animals and demons who appear in various omens in every imaginable combination. We do not know why he was included in this group, and it would be artificially constraining to the tradition of divination to speculate as to a single reason for his inclusion. Nonetheless, it can be said with certainty that he was considered an essential element within the science of divination.”¹⁰⁷

Humbaba (Huwawa) deixou-nos ecos de um papel crucial, como representante do mundo natural, do mundo puro, do mundo virgem do domínio do Homem. Humbaba (Huwawa) tem tanto de aterrorizador, como de busca e procura por um amuleto com a sua figura, detentora de poder de proteção contra as maleitas do mundo. Humbaba (Huwawa) fascina com facilidade, quem o lê, ou quem o tenta compreender.

¹⁰⁷ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, p.109.



Fig. 22 Amuleto em Lapis Lazuli, datação cerca 2000-500 AEC, localizada no British Museum 128821, Londres, Inglaterra.



Fig. 23. Placa de Terracota de Humbaba (Huwawa), Iraque. Período antigo babilónico 2004-1595 AEC, Sulaymaniyah Museum, Iraque.

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

A sua imagem tem várias interpretações e ressonâncias diferentes. Sarah Graff diz-nos que as placas de argila, terracota ou pedra, da figura de Humbaba (Huwawa) deram-lhe a vitalidade, dotada e vida propriamente dita.¹⁰⁸

Diz-nos ainda, que as cabeças de Humbaba (Huwawa) do Templo Tell al-Rimah, entre outros templos, levam-nos para um campo de interpretação diferente, pois as suas caras eram esculpidas em pedra, e tinham um tamanho colossal. Aqui Humbaba (Huwawa) é visto como portador das qualidades divinas de *melammu* e *puluhtu*¹⁰⁹. O brilho e o terror inerentes a estas qualidades, deveriam provocar emoções avassaladoras, ao espectador do divino.

Humbaba evoca sonoridades, em nós próprios, do antigo, de algo que está oculto em nós e intrínseco, atraindo-nos ao fascínio do que é desconhecido, mas que nos diz algo importante.

¹⁰⁸ Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012, pp. 160-161.

¹⁰⁹ Ibidem.

BIBLIOGRAFIA

Al-Rawi, F.N.H, George, A.R., *BACK TO THE CEDAR FOREST: THE BEGINNING AND THE END OF THE TABLET V OF THE STANDARD BABYLONIAN EPIC OF GILGAMESH*, American Schools of Oriental Journal Research, 2003

Black, J., Green, A., *Gods, Demons and Symbols of Ancient Mesopotamia, An Illustrated Dictionary*, The British Museum Press, 2004

Becker, U., *The continuum encyclopedia of Symbols*, The continuum Publishing Company, New York, 2000

Chevalier, J., Gheerbrant A., *Dicionário dos Símbolos, Mitos, Sonhos, Costumes, Gestos, Formas, Figuras, Cores, Números*, Editorial Teorema, 1982

Graff, S.B., *Humbaba/Huwawa*, ProQuest LLC, United States, 2012

Parreira, L.F., *ÉPICO DE GILGAMESH*, versão Babilónia Padrão, Assírio & Alvim, Porto Editora, 2017

Guirand, F. (Dir.), *História das Mitologias I*, Edições 70, 2006

Grimal, P., *Dicionário da Mitologia Grega e Romana*, DIFEL, 1999

J.A. BLACK, G. CUNNINGHAM, J. EBELING, E. FLÜCKIGER-HAWKER, E. ROBSON, J. TAYLOR, AND G. ZÓLYOMI, *The Electronic Text Corpus of Sumerian Literature* (<http://etcsl.orinst.ox.ac.uk/>), Oxford, 1998–2006. [Universidade de Oxford]

Jean BOTTERO, *L'Épopée de Gilgameš*, Paris, Gallimard, 1992. - Andrew R. GEORGE, *The Babylonian Gilgamesh Epic: Introduction, Critical Edition and Cuneiform Texts*, 2 vols., Oxford, Oxford University Press, 2003

Jones, L. (Dir.), *ENCYCLOPEDIA OF RELIGION*, Second Edition, Thomson, Gale, 2005

P. Dhorme, *Choix de textes religieux assyro-babyloniens*, Paris, 1907

Penglas, C., *Greek Myths and Mesopotamia: Parallels and Influence in the Homeric Hymns and Hesiod*, Routledge, London, 1997

HUMBABA (HUWAWA), O TERRÍVEL: O MITO E O SIMBOLISMO POR TRÁS DA FIGURA MITOLÓGICA

Pinto, Paulo Mendes (Coord. Cient.) *Religiões - História, Textos e Tradições*, Religare, Paulina, 2006, Lisboa

Pinto, P.M., *Do Alfa ao Ómega: Caminhos da Massificação Cultural através da Ideia do Deus que Aceita Morrer*, 2021

Scheil, Jean-Vicent, *Une saison de fouilles à Sippar (Abou Habba)*, Janvier Avril 1894, Forgotten Books, 2018

Van Der Toorn K., Becking B., Van Der Toorn P.W., *Dictionary of Deities and Demons of the Bible*, BRILL, 1999

Conferências Online:

Conferência “The Epic of Gilgamesh, Lecture by Andrew George”, Presented in collaboration with the Departments of Near Eastern Languages & Civilizations and Comparative Literature, with the support of the Provostial Fund for the Arts and Humanities, Harvard University, 30 de Janeiro de 2017. (https://www.youtube.com/watch?v=Rd7MrGy_tEg)

Conferência “Gilgamesh: Journeys to the End of the World, Lecture by Steve Tinney”, Penn Museum, University of Pennsylvania Museum of Archaeology and Anthropology, 10 de Janeiro de 2014. (<https://www.youtube.com/watch?v=46Xst2do8p4&t=1403s>)

Conferência Smarthistory “Ashurbanipal Hunting Lions, gypsum hall relief from the North Palace, Ninevah, c. 645-635 B.C.E., excavated by H. Rassam beginning in 1853 (British Museum)”, Dr. Steven Zucker and Dr. Beth Harris, 8 de Agosto de 2013 (<https://www.youtube.com/watch?v=J5iEY4hapMQ>)

Conferência Smarthistory “Reconstruction of the Ishtar Gate and Processional Way, Babylon, c. 575 B.C.E., glazed mud brick (Pergamon Museum, Berlin)”, Dr. Steven Zucker and Dr. Beth Harris, 8 de Abril de 2012 (<https://www.youtube.com/watch?v=U2iZ83oIZH0>)

Porto Editora – *apotropaico* no Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]. Porto: Porto Editora. [consult. 2022-05-04 15:58:26]. Disponível em <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/apotropaico>